

**Arquivo para baixar que ppt**

<https://fabiomesquita.wordpress.com/2015/04/02/liberdade-de-expressao/>



Dia Mundial da  
Liberdade de  
Imprensa

**UNESCO – Liberdade de expressão no Brasil**

<http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/communication-and-information/freedom-of-expression/>

A UNESCO promove a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa como um direito humano fundamental por meio de atividades de sensibilização e monitoramento. A Organização também advoga a independência da mídia e o pluralismo como pré-requisitos e fatores principais de democratização e construção de paz e tolerância ao prover serviços de assessoria em legislação midiática e sensibilização de governos, parlamentares e demais tomadores de decisão.

**Texto jornalístico:**

**Liberdade de expressão no Brasil e EUA**

“A constituição americana enxerga o direito do cidadão de expressar sua opinião como sendo fundamental em uma democracia. Tanto assim que, em 1978, os tribunais americanos se negaram a impedir que neonazistas, usando suásticas, fizessem uma marcha em um subúrbio judaico de Chicago.” Fonte:

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/07/1651798-liberdade-de-expressao-nos-eua-pesa-mais-que-no-brasil.shtml>

**Texto jornalístico:**



**ELIANE BRUM** - Jornalista, escritora e documentarista.

Texto que problematiza a normalidade e a falta de discernimento na construção de seu próprio caminho.

Texto: A doença de ser normal

**Texto 1 – Liberdade de Expressão (2015)**

**Autor: Fábio Mesquita**

“Se muitas pessoas se interessam pela liberdade de expressão, ela existirá mesmo que a lei proíba. Se o povo for inerte, minorias serão perseguidas, mesmo que a lei as proteja”. George Orwell

Julgo que existam três grandes posicionamentos frente ao tema liberdade de expressão. Estou certo que existem outros posicionamentos possíveis, no entanto, para fins didáticos, farei uma breve reflexão para aqueles que penso serem os mais importantes. É fato que em todos encontramos pontos favoráveis e desfavoráveis. É necessário pensarmos os ganhos e as perdas a partir de um modelo de sociedade e de ser humano que queremos vigorar no mundo. É sinal de ingenuidade e imaturidade sobre o assunto, não levar em consideração as dificuldades de aplicabilidade das possíveis soluções encontradas para cada um dos posicionamentos. Sendo assim, seguem os principais posicionamentos:

1) **Liberdade de expressão plena.**

Falar tudo o que se pensa, sem nenhuma restrição, tendo como limite último, discursos que não incitem a violência (diferença fundamental entre agressão verbal e física).

Aspectos positivos: há maior liberdade e um “possível desenvolvimento” da sociedade em conviver com o diferente. Todos os discursos são possíveis e podemos até classificá-los como fanáticos, irreflexivos, sem senso crítico, ideológico, racista, homofóbico etc. É dado o direito de falar tudo aquilo que se pensa, assim como, o de responder “a altura” os discursos que não concordamos. O diálogo/debate/discussão constante entre os membros da sociedade pode direcionar o povo para uma maior maturidade.

Aspectos negativos ou problemáticos: Relativização sobre aquilo que é violento ou não. A violência moral, a violência da palavra não se enquadram, por exemplo, no modelo defendido pelos EUA. Para eles, a violência como limite se restringe a violência física ou as palavras que incitam as violências físicas.

Os EUA defendem abertamente o direito de se exprimir, apesar de ser questionável, até que ponto, o povo estadunidense exerça tal direito. São vários os exemplos nos quais existiu punição para aqueles que defenderam abertamente suas ideologias, e isso, sem ter incitado a violência. Sugiro que assistam o documentário “**Liberdade de Expressão nos EUA**”. Creio que o ponto mais problemático em defender essa ideia seja a desigualdade de direitos entre os membros que compõe a sociedade. Os grupos minoritários, excluídos ou que não tenham poder político, social, econômico e/ou intelectual estão

- Com medo da liberdade, preferimos aderir à manada  
<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI2-49779-15230,00.html>

### Texto jornalístico:

Sobre o posicionamento do Papa Francisco



“Liberdade de expressão não dá o direito de insultar o próximo.”

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/liberdade-de-expressao-nao-da-o-direito-de-insultar-o-proximo-diz-papa.html>

### Artigo filosófico:

Escrito por Ana Paula Repolês Torres – Pensando a “liberdade de expressão” com Hannah Arendt

<http://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/792>

Sinopse do artigo: Buscamos demonstrar, com base no pensamento de Hannah Arendt, que liberdade não é o mesmo que soberania, sendo a liberdade absoluta negação da própria liberdade. Em outras palavras, diríamos que os limites à liberdade de expressão não são meras restrições, mas condição de possibilidade do exercício desse direito, já que são esses limites que delimitam o espaço da fala e da ação. Por outro lado, procuramos levantar questões outras relacionadas com os conceitos de pensar e julgar, buscando distinguir censura de responsabilização.

### Filosofia política:



**Hannah Arendt** (1906-1975)

Foi uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX.

expostos a serem violentados moralmente e fisicamente, sendo obrigados a ouvir discursos que os rebaixam e os desclassificam. Vidas são destruídas, discursos de ódio são proferidos, tudo em prol do direito de liberdade de expressão.

## 2) Liberdade de expressão parcial.

Existência de limites claros para se exprimir, sendo necessário, ao mesmo tempo, assegurar a todos, igualdade de direitos e de deveres.

Aspectos positivos: Como vivemos em sociedades desiguais, grupos minoritários seriam protegidos pelo Estado. Racismo é crime no Brasil. Homofobia, talvez dentro em breve, também será. Nesse sentido, aqueles que sofrem por não se adequarem a determinado padrão normativo teriam o apoio estatal em terem seus direitos assegurados.

Aspectos negativos: Não são claros quais os limites para a liberdade de expressão. Aqueles que defendem esse discurso acabam sendo **intolerantes contra os intolerantes**, algo que no meu ponto de vista, gera um **problema paradoxal**.

Aqueles que não defendem a plena liberdade de expressão devem pensar sobre a intromissão e controle moral do Estado naquilo que se fala. O Estado como ser moralizador pode, em alguns momentos, manipular e controlar o povo para diversas posições. Em momentos de crise (política, econômica etc), é sabido que a liberdade de expressão é colocada em risco, e discursos moralizantes/castradores surgem excluindo grupos minoritários, problema que, aparentemente, só existia na postura de liberdade de expressão plena.

## 3) Liberdade de expressão inexistente - Censura.

Total controle por aqueles que detêm o poder (governo, economia, religião etc). Tudo que é publicado, anunciado, noticiado etc passa pela censura.

Aspectos positivos: semelhantes aos êxitos dos regimes autoritários e ditatoriais. A massa age sem pensar a partir de um modelo ideológico dominante e castrador. É construído um modelo único daquilo que é o correto a se falar. O fascismo, o nazismo e o stalinismo são exemplos históricos desse tipo de postura sobre a ausência da liberdade de expressão.

Aspectos negativos: **não ser livre**, controle ideológico, manipulação, **censura plena**, punições por pensar diferente etc.

Fonte: <https://fabiomesquita.wordpress.com/2015/04/02/liberdade-de-expressao/>

### Atividade 1

Assistir os vídeos abaixo e escreva o seu posicionamento frente ao tema liberdade de expressão. Utilize descrições das cenas dos vídeos em seus argumentos.

## Músicas:



<https://www.youtube.com/watch?v=9yKKsEPxEw0>

**Taiguara** (1945-1996) é considerado um dos símbolos da resistência à censura durante a ditadura militar brasileira. Ele foi um dos compositores mais censurados na história da MPB, tendo 68 músicas censuradas. Leia a letra de duas de suas músicas, vale fazer uma pesquisa sobre esse artista brasileiro.

### QUE AS CRIANÇAS CANTEM LIVRES

O tempo passa e atravessa as avenidas  
E o fruto cresce, pesa e enverga o velho pé  
E o vento forte quebra as telhas e vidraças  
E o livro sábio deixa em branco o que não é

Pode não ser essa mulher o que te falta  
Pode não ser esse calor o que faz mal  
Pode não ser essa gravata o que sufoca  
Ou essa falta de dinheiro que é fatal

Vê como um fogo brando funde um ferro duro  
Vê como o asfalto é teu jardim se você crê  
Que há sol nascente avermelhando o céu escuro  
Chamando os homens pro seu tempo de viver

E que as crianças cantem livres sobre os muros  
E ensinem sonho ao que não pode amar sem dor  
E que o passado abra os presentes pro futuro  
Que não dormiu e preparou o amanhecer...

### TEU SONHO NÃO ACABOU

Hoje a minha pele já não tem cor  
Vivo a minha vida seja onde for  
Hoje entrei na dança e não vou sair  
Vem eu sou criança não sei fingir

Eu preciso, eu preciso de você  
Ah eu preciso, eu preciso, eu preciso muito de você

Lá onde eu estive o sonho acabou  
Cá onde eu te encontro só começou  
Lá colhi uma estrela pra te trazer  
Bebe o brilho dela até entender

Que eu preciso, eu preciso de você  
Ah eu preciso, eu preciso, eu preciso muito de você

Só feche seu livro quem já aprendeu  
Só peça outro amor quem já deu o seu  
Quem não soube à sombra não sabe à luz  
Vem não perde o amor de quem te conduz

Eu preciso, eu preciso de você  
Ah eu preciso, eu preciso, eu preciso muito de você

Eu preciso, eu preciso de você  
Nós precisamos, precisamos sim, você de mim  
eu de você



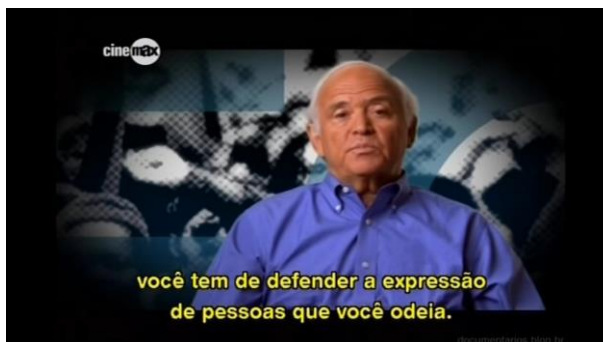
Deirdre McCloskey – Liberdade de Expressão e o poder da Retórica

<https://youtu.be/p26UR1ssdBg>



Texto Provocações, de Luis Fernando Veríssimo, lido por Abujamra no programa Provocações.

<https://youtu.be/OSO1QVhBMhg>



Documentário realizado pela HBO sobre a liberdade de expressão nos EUA

[https://www.youtube.com/watch?v=ZcV5TF\\_S2pM](https://www.youtube.com/watch?v=ZcV5TF_S2pM)



Tudo é Ofensivo! (Everything Is Offensive) – Vídeo que apresenta uma crítica a sociedade em achar que tudo é ofensivo.

<https://youtu.be/h80tWYbFHUU>



Autor: Henry David Thoreau  
(1817-1862)  
Thoreau aborda a desobediência civil individual como forma de oposição legítima frente a um estado injusto. Ele o escreveu após ter sido preso por não pagar impostos. Seu ensaio de caráter anarquista e libertário influenciou a vida de Mahatma Gandhi, Leon Tolstói e Martin Luther King.

---

---

---

---

---

---

---

---



## Filosofia:



**Jean-Paul Sartre** (1905-1980) – Foi um filósofo, escritor e crítico francês. Recusou em 1964 o prêmio Nobel de Literatura.

## Vocabulário

**Existencialismo:** Filosofia criada no séc. 19 e desenvolvida no séc. 20. Possui como ideia central a tese de que o homem começa por sua existência, uma vida concebida como um absurdo, sem sentido, sem pre-determinismo. O ser humano é livre para escolher aquilo que fará da sua existência. Angústia, alienação, tédio são questões colocadas pelos existencialistas.

**Imobilismo do desespero:** diante do desespero da vida, não sei o que fazer, qual caminho tomar.

**Burguesia:** pensada aqui como uma classe social, caracterizada por suas propriedades de capitais, detentora dos meios de produção de riqueza e que possuem como foco a manutenção de seus privilégios, capital e propriedades.

**Ignomínia:** caráter daquilo que degrada, humilha; ação, palavra que desonra, que envergonha.

## Filosofia:

**Cogito:** Conceito concebido por René Descartes, filósofo francês. O cogito é a primeira verdade, inquestionável, marco da certeza. É certo que eu existo, um ser que duvida e pensa. Cogito = Dubito, ergo cogito, ergo sum (Duvido, logo penso, logo sou/existo).

## Literatura:

**Naturalismo** - escola literária concebida como o extremo do Realismo, baseia-se na teoria evolucionista de Charles Darwin, evolucionismo e determinismo científico. Nesse sentido, o indivíduo é determinado pelo ambiente e pela hereditariedade. Émile Zola é um dos expoentes do naturalismo francês. No Brasil, um exemplo de uma obra naturalista é *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo.

## Texto 2: Existencialismo é um Humanismo

**Autor: Jean-Paul Sartre**

Tradutora: Rita Correia Guedes

Fonte: *L'Existentialisme est un Humanisme*, Les Éditions Nagel, Paris, 1970.

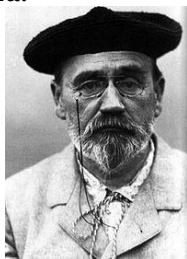
Gostaria de defender, aqui, o existencialismo de uma série de críticas que lhe foram feitas.

Em primeiro lugar, acusaram-no de incitar as pessoas a permanecerem no imobilismo do desespero; todos os caminhos estando vedados, seria necessário concluir que a ação é totalmente impossível neste mundo; tal consideração desembocaria, portanto, numa filosofia contemplativa – o que, aliás, nos reconduz a uma filosofia burguesa, visto que a contemplação é um luxo. São estas, fundamentalmente, as críticas dos comunistas.

Por outro lado, acusaram-nos de enfatizar a ignomínia humana, de sublinhar o sórdido, o equívoco, o viscoso, e de negligenciar certo número de belezas radiosas, o lado luminoso da natureza humana; por exemplo, segundo a senhorita Mercier, crítica católica, esquecemos o sorriso da criança. Uns e outros nos acusam de haver negado a solidariedade humana, de considerar que o homem vive isolado; segundo os comunistas, isso se deve, em grande parte, ao fato de nós partirmos da pura subjetividade, ou seja, do penso cartesiano, ou seja ainda, do momento em que o homem se apreende em sua solidão – o que me tornaria incapaz de retornar, em seguida, à solidariedade com os homens que existem fora de mim e que eu não posso alcançar no cogito.

Na perspectiva cristã, somos acusados de negar a realidade e a seriedade dos empreendimentos humanos, já que, suprindo os mandamentos de Deus e os valores inscritos na eternidade, resta apenas a pura gratuidade; cada qual pode fazer o que quiser, sendo incapaz, a partir de seu ponto de vista, de condenar os pontos de vistas e os atos alheios. Tais são as várias acusações a que procuro hoje responder e a razão que me levou a intitular esta pequena exposição de: **“O Existencialismo é um Humanismo”**. Muitos poderão estranhar que falemos aqui de humanismo. Tentaremos explicitar em que sentido o entendemos. De qualquer modo, o que podemos desde já afirmar é que concebemos o existencialismo como uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana. A crítica básica que nos fazem é, como se sabe, de enfatizarmos o lado negativo da vida humana. Contaram-me, recentemente, o caso de uma senhora que, tendo deixado escapar, por nervosismo, uma palavra vulgar, se desculpou dizendo: “Acho que estou ficando existencialista”. A feiura é, por conseguinte, assimilada ao existencialismo e é por isso que dizem sermos naturalistas. Se o somos, é estranho que assustemos e escandalizemos muito mais do que o naturalismo

#### Literatura:



**Émile Zola** (1840-1902)

Escritor francês considerado o criador e o representante mais expressivo do **naturalismo**.

#### Filosofia:



**Karl Jaspers** (1883-1969). Foi um filósofo e psiquiatra alemão.



**Gabriel Marcel** (1889-1973)  
Foi um filósofo, dramaturgo e compositor francês.



**Martin Heidegger** (1889-1976)

Foi um dos mais importantes filósofos do século XX. **O Ser e o tempo** é uma das obras de referência do autor.



**Leibniz** (1646-1716). Foi um filósofo e cientista alemão. Conhecido por sua teoria das **mônadas** (conceito metafísico, equiparado a representação dos átomos para os físicos). As **mônadas** geral uma harmonia preestabelecida no universo.

propriamente dito assusta ou escandaliza hoje em dia. Aqueles que digerem tranquilamente um romance de **Zola**, como *A Terra*, ficam repugnados quando leem um romance existencialista; outros, que se utilizam da sabedoria das nações – profundamente tristes –, acham-nos mais tristes ainda. Mas será que existe algo mais desesperançado do que o provérbio: “**A caridade bem dirigida começa por si próprio**”, ou “**Ama quem te serve e serás desprezado; castiga quem te serve e serás amado**”? São notórios os lugares-comuns que podem ser utilizados neste assunto e que significam sempre a mesma coisa: não se deve lutar contra os poderes estabelecidos, não se deve lutar contra a força, não se deve dar passos maiores do que as pernas, toda ação que não se insere numa tradição é romantismo, toda ação que não se apoia numa experiência comprovada está destinada ao fracasso; e **a experiência mostra que os homens tendem sempre para o mais baixo e que são necessários freios sólidos para detê-los, caso contrário instala-se a anarquia**. No entanto, as pessoas que ficam repetindo esses tristes provérbios são as mesmas que acham muito humano todo e qualquer ato mais ou menos repulsivo, as mesmas que se deleitam com canções realistas: são estas as pessoas que **acusam o existencialismo de ser demasiado sombrio, a tal ponto que eu me pergunto se elas não o censuram, não tanto pelo seu pessimismo, mas, justamente pelo seu otimismo**. Será que, no fundo, o que amedronta na doutrina que tentarei expor não é fato de que **ela deixa uma possibilidade de escolha para o homem?** Para sabê-lo, precisamos recolocar a questão no plano estritamente filosófico. **O que é o existencialismo?**

A maioria das pessoas que utilizam este termo ficaria bastante embaraçada se tivesse de justificá-lo: hoje em dia a palavra está na moda e qualquer um afirma sem hesitação que tal músico ou tal pintor é existencialista. Um cronista de *Clartés* assina o *Existencialista*. Na verdade, esta palavra assumiu atualmente uma amplitude tal e uma tal extensão que já não significa rigorosamente nada. Está parecendo que, na ausência de uma doutrina de vanguarda análoga ao surrealismo, as pessoas, ávidas de escândalo e de agitação, estão se voltando para esta filosofia, que, aliás, não pode ajudá-la em nada nesse campo; o existencialismo, na realidade, é a doutrina menos escandalosa e a mais austera; ela destina-se exclusivamente aos técnicos e aos filósofos. Todavia, pode ser facilmente definida. O que torna as coisas complicadas é a existência de dois tipos de existencialistas: por um lado, os cristãos – entre os quais colocarei Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica – e, por outro, os ateus – entre os quais há que situar Heidegger, assim como os existencialistas franceses e eu mesmo. O que eles têm em comum é simplesmente o fato de todos considerarem que a existência precede a essência, ou, se se preferir, que é necessário partir da subjetividade. **O que significa isso exatamente?**

Consideremos um objeto fabricado, como, por exemplo, um livro ou um corta-papel; esse objeto foi fabricado por um artífice que se inspirou num conceito; tinha, como referências, o



**René Descartes** (1596-1650)

Foi um filósofo e matemático francês. Importante por sua contribuição ao racionalismo e famoso por sua emblemática frase **“Cogito, ergo sum”**.



**Denis Diderot** (1713-1784). Foi um filósofo francês, representante do iluminismo e um dos responsáveis da **Enciclopédia**.



**Voltaire** (1694-1778). Filósofo e ensaísta iluminista francês. Inspirador da Revolução francesa, defensor da liberdade e valoroso crítico social. Uma de suas obras mais significativas é **Cândido ou o Otimismo**.



**Immanuel Kant** (1724-1804)

Um dos mais importantes filósofos de todos os tempos. A totalidade de sua obra é um marco para o pensamento humano sob diversos aspectos.

**Vocabulário:**

**Responsabilidade:** obrigação de responder pelas ações próprias e/ou dos outros. Na filosofia existencialista somos responsáveis por nós mesmos e por toda humanidade. Somos um exemplo, uma referência, escolhemos aquilo que julgamos correto e melhor, nesse sentido, nos tornamos referências para os outros. Escolhemos sempre aquilo que julgamos ser o correto, o bem, por isso, impomos um modo de ser no mundo: casado, solteiro, desonesto, justo, etc. Além de sermos um exemplo para todos os demais, é fundamental termos consciência que nossas ações afetam toda a humanidade de alguma forma. Eis o peso/dificuldade em ser existencialista.

conceito de corta-papel assim como determinada técnica de produção, que faz parte do conceito e que, no fundo, é uma receita. Desse modo, o corta-papel é, simultaneamente, um objeto que é produzido de certa maneira e que, por outro lado, tem uma utilidade definida: seria impossível imaginarmos um homem que produzisse um corta-papel sem saber para que tal objeto iria servir. Podemos assim afirmar que, no caso do corta-papel, **a essência – ou seja, o conjunto das técnicas e das qualidades que permitem a sua produção e definição – precede a existência;** e desse modo, também, a presença de tal corta-papel ou de tal livro na minha frente é determinada. Eis aqui uma visão técnica do mundo em função da qual podemos afirmar que **a produção precede a existência**.

Ao concebermos um Deus criador, identificamo-lo, na maioria das vezes, com um artífice superior, e, qualquer que seja a doutrina que considerarmos – quer se trate de uma doutrina como a de **Descartes** ou como a de **Leibniz** –, admitimos sempre que a vontade segue mais ou menos o entendimento ou, no mínimo, que o acompanha, e que Deus, quando cria, sabe precisamente o que está criando. Assim, o conceito de homem, no espírito de Deus, é assimilável ao conceito de corta-papel, no espírito do industrial; e Deus produz o homem segundo determinadas técnicas e em função de determinada concepção, exatamente como o artífice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. Desse modo, o homem individual materializa certo conceito que existe na inteligência divina. No século XVIII, o ateísmo dos filósofos elimina a noção de Deus, porém não suprime a ideia de que a essência precede a existência. Essa é uma ideia que encontramos com frequência: encontramos-la em **Diderot**, em **Voltaire** e mesmo em **Kant**. O homem possui uma natureza humana; essa natureza humana, que é o conceito humano, pode ser encontrada em todos os homens, o que significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal: o homem. Em **Kant**, resulta de tal universalidade que o homem da selva, o homem da Natureza, tal como o burguês, devem encaixar-se na mesma definição, já que possuem as mesmas características básicas. **Assim, mais uma vez, a essência do homem precede essa existência histórica que encontramos na Natureza.**

**O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. O homem é tão-somente, não apenas como ele se**



**Angústia:** estado de ansiedade, inquietude, sofrimento, tormento. No existencialismo, todos aqueles que possuem consciência de suas ações, percebem as consequências de seus atos, ficarão angustiados diante das possibilidades de escolhas. Qual o melhor caminho? O que é certo fazer para mim e para os outros?

**Desespero:** estado de consciência que julga uma situação sem saída, desesperança.

**Existência humana:** forma do ser humano no mundo. Primeiro ele existe, depois se constrói, a partir daquilo que escolhe. Essa existência nunca será a nossa essência. Note que aquilo que é para um animal, determinado e limitado por sua própria natureza, não é para um ser humano, alguém que pode negar ou afirmar aquilo que lhe foi dado.

**Essência humana:** construída a posteriori, a partir das escolhas de cada um. Não existe uma essência pré-determinada, nós é que escolhemos aquilo que seremos. Certamente, essa escolha pode se dar de diversas formas, por exemplo, consciente ou inconscientemente.

**Engajamento:** ações que almejam uma causa, um ideal. “Escolhendo o casamento estou engajando não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade, na trilha da monogamia.”

**Projeto:** aquilo que se faz e se quer de si mesmo. “O homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés de musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto.”

**Desemprego:** O fato de não existir um Deus ou outro alguém para que possamos dividir as consequências de nossos atos, alguém que possamos responsabilizar por nossas frustrações. O fato de não existir uma natureza humana para que possamos nos justificar. O fato de não existir uma sociedade que não me imponha o que devo fazer. Sempre haverá escolhas, sempre será possível recusar a sociedade em que se vive ou a natureza que nos foi dada. Sempre haverá escolhas.

concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: **é esse o primeiro princípio do existencialismo**. É também a isso que chamamos de subjetividade: a subjetividade de que nos acusam. Porém, nada mais queremos dizer senão que a dignidade do homem é maior do que a da pedra ou da mesa. Pois queremos dizer que o homem, antes de mais nada, existe, ou seja, o homem é, antes de mais nada, aquilo que se projeta num futuro, e que tem consciência de estar se projetando no futuro. De início, o homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés de musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto; não há nenhuma inteligibilidade no céu, e o homem será apenas o que ele projetou ser. Não o que ele quis ser, pois entendemos vulgarmente o querer como uma decisão consciente que, para quase todos nós, é posterior àquilo que fizemos de nós mesmos. Eu quero aderir a um partido, escrever um livro, casar-me, tudo isso são manifestações de uma escolha mais original, mais espontânea do que aquilo a que chamamos de vontade. Porém, se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à **responsabilidade total** de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que **ele é responsável por todos os homens**. A palavra subjetivismo tem dois significados, e os nossos adversários se aproveitaram desse duplo sentido. Subjetivismo significa, por um lado, escolha do sujeito individual por si próprio e, por outro lado, impossibilidade em que o homem se encontra de transpor os limites da subjetividade humana. É esse segundo significado que constitui o sentido profundo do existencialismo. Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; **o que escolhemos é sempre o bem** e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa **imagem é válida para todos** e para toda a nossa época. Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois **ela engaja a humanidade inteira**. Se eu sou um operário e se escolho aderir a um sindicato cristão em vez de ser comunista, e se, por essa adesão, quero significar que a resignação é, no fundo, a solução mais adequada ao homem, que o reino do homem não é sobre a terra, não estou apenas engajando a mim mesmo: quero resignar-me por todos

**Arte:**



Edvard Munch, O Grito (1893).

A obra representa uma figura andrógina num momento de profunda angústia e desespero existencial

**Diário de Munch:**

*“Passeava com dois amigos ao pôr-do-sol – o céu ficou de súbito vermelho-sangue – eu parei, exausto, e inclinei-me sobre a mureta– havia sangue e línguas de fogo sobre o azul escuro do fjord e sobre a cidade – os meus amigos continuaram, mas eu fiquei ali a tremer de ansiedade – e senti o grito infinito da Natureza.”*

**Arte:**



Salvador Dalí – A face da Guerra (1940). O desespero e a angústia da existência estão retratados nessa obra de Dalí.

Sartre critica uma “mentalidade humana” – semelhante crítica faz Max Gonzaga na música classe

**Classe Média – Max Gonzaga**

Sou classe média / Papagaio de todo telejornal / Eu acredito / Na imparcialidade da revista semanal / Sou classe média / Compro roupa e gasolina no cartão / Odeio "coletivos" / E vou de carro que comprei a prestação / Só pago impostos / Estou sempre no limite do meu cheque especial / Eu viajo pouco, no máximo um pacote cvc tri-anual / Mas eu "to nem ai" / Se o traficante é quem manda na favela / Eu não "to nem aqui" / Se morre gente ou tem enchente em Itaquera / Eu quero é que se exploda a periferia toda / Mas fico indignado com estado quando sou incomodado / Pelo pedinte esfomeado que me

e, portanto, a minha decisão engaja toda a humanidade. Numa dimensão mais individual, se quero casar-me, ter filhos, ainda que esse casamento dependa exclusivamente de minha situação, ou de minha paixão, ou de meu desejo, escolhendo o casamento estou engajando não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade, na trilha da monogamia. **Sou, desse modo, responsável por mim mesmo e por todos e crio determinada imagem do homem por mim mesmo escolhido; por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem.**

Tudo isso permite-nos compreender o que subjaz a palavras um tanto grandiloquentes como **angústia, desamparo, desespero**. Como vocês poderão constatar, é extremamente simples. Em primeiro lugar, **como devemos entender a angústia? O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade.** É fato que muitas pessoas não sentem ansiedade, porém nós estamos convictos de que estas pessoas mascaram a ansiedade perante si mesmas, evitam encará-la; certamente muitos pensam que, ao agir, estão apenas engajando a si próprios e, quando se lhes pergunta: **mas se todos fizessem o mesmo?, eles encolhem os ombros e respondem: nem todos fazem o mesmo.** Porém, na verdade, devemos sempre perguntar-nos: o que aconteceria se todo mundo fizesse como nós? e não podemos escapar a essa pergunta inquietante a não ser através de uma espécie de má fé. Aquele que mente e que se desculpa dizendo: nem todo mundo faz o mesmo, é alguém que não está em paz com sua consciência, pois o fato de mentir implica um valor universal atribuído à mentira. Mesmo quando ela se disfarça, a angústia aparece. É esse tipo de angústia que **Kierkegaard** chamava de **angústia de Abraão**. Todos conhecem a história: um anjo ordena a Abraão que sacrifique seu filho. Está tudo certo se foi realmente um anjo que veio e disse: tu és Abraão e sacrificarás teu filho. Porém, para começar, cada qual pode perguntar-se: será que era verdadeiramente um anjo? ou: será que sou mesmo Abraão? Que provas tenho? Havia uma louca que tinha alucinações: falavam-lhe pelo telefone dando-lhe ordens. O médico pergunta: “Mas afinal, quem fala com você?” Ela responde: “Ele diz que é Deus”. Que provas tinha ela que, de fato, era Deus? Se um anjo aparece, como saberei que é um anjo? E se escuto vozes, o que me prova que elas vêm do céu e não do inferno, ou do subconsciente ou de um estado patológico? O que prova que elas se dirigem a mim? Quem pode provar-me que fui eu, efetivamente, o escolhido para impor a minha concepção do homem e a minha própria escolha à humanidade? Não encontrei jamais prova alguma, nenhum sinal que possa convencer-me. Se uma voz se dirige a mim, sou sempre eu mesmo que terei de decidir que essa voz é a voz do anjo; se considero que determinada ação é boa, sou eu mesmo

estende a mão / O pára-brisa ensaboado / É camelo, biju com bala / E as peripécias do artista malabarista do farol / Mas se o assalto é em moema / O assassinato é no "jardins" / A filha do executivo é estuprada até o fim / Ai a mídia manifesta a sua opinião regressa / De implantar pena de morte, ou reduzir a idade penal / E eu que sou bem informado concordo e faço passeata / Enquanto aumenta a audiência e a tiragem do jornal / Porque eu não "to nem ai" / Se o traficante é quem manda na favela / Eu não "to nem aqui" / Se morre gente ou tem enchente em Itaquera / Eu quero é que se exploda a periferia toda / Toda tragédia só me importa quando bate em minha porta / Porque é mais fácil condenar quem já cumpre pena de vida /

#### Vídeo/música:



Animação da música Classe Média de Max Gonzaga.

<https://www.youtube.com/watch?v=kaHWQgK11tY>

#### Literatura:



Fiódor **Dostoiévski** (1821-1881)

Foi um escritor russo, considerado um dos maiores romancistas da história e um dos dois inovadores artistas de todos os tempos. O livro **Notas do Subterrâneo** é marcado pela filosofia existencialista.

#### Televisão/Youtube:



Globo Ciência – Sartre e Beauvoir

<https://www.youtube.com/watch?v=xzAtSv18Cm0>

que escolho afirmar que ela é boa e não má. Nada me designa para ser Abraão, e, no entanto, sou a cada instante obrigado a realizar atos exemplares. **Tudo se passa como se a humanidade inteira estivesse de olhos fixos em cada homem e se regressasse por suas ações. E cada homem deve perguntar a si próprio: sou eu, realmente, aquele que tem o direito de agir de tal forma que os meus atos sirvam de norma para toda a humanidade?** E, se ele não fizer a si mesmo esta pergunta, é porque estará mascarando sua angústia. Não se trata de uma angústia que conduz ao quietismo, à inação. **Trata-se de uma angústia simples, que todos aqueles que um dia tiveram responsabilidades conhecem bem.** Quando, por exemplo, um chefe militar assume a responsabilidade de uma ofensiva e envia para a morte certo número de homens, ele escolhe fazê-lo, e, no fundo, escolhe sozinho. Certamente, algumas ordens vêm de cima, porém são abertas demais e exigem uma interpretação: é dessa interpretação – responsabilidade sua – que depende a vida de dez, catorze ou vinte homens. Não é possível que não exista certa angústia na decisão tomada. Todos os chefes conhecem essa angústia. Mas isso não os impede de agir, muito pelo contrário: é a própria angústia que constitui a condição de sua ação, pois ela pressupõe que eles encarem a pluralidade dos possíveis e que, ao escolher um caminho, eles se deem conta de que ele não tem nenhum valor a não ser o de ter sido escolhido. Veremos que esse tipo de angústia – a que o existencialismo descreve – se explica também por uma responsabilidade direta para com os outros homens engajados pela escolha. Não se trata de uma cortina entreposta entre nós e a ação, mas parte constitutiva da própria ação.

Quando falamos de desamparo, expressão cara a Heidegger, queremos simplesmente dizer que **Deus não existe e que é necessário levar esse fato às últimas consequências.** O existencialista opõe-se frontalmente a certo tipo de moral laica que gostaria de eliminar Deus com o mínimo de danos possível. Quando, por volta de 1880, os professores franceses tentaram constituir uma moral laica, disseram mais ou menos o seguinte: Deus é uma hipótese inútil e dispendiosa; vamos suprimi-la: porém, é necessário – para que exista uma moral, uma sociedade, um mundo policiado – que certos valores sejam respeitados e considerados como existentes *a priori*; é preciso que seja obrigatório, *a priori*, ser honesto, não mentir, não bater na mulher, fazer filhos etc., etc. Vamos portanto realizar uma pequena manobra que nos permitirá demonstrar que esses valores existem, apesar de tudo, inscritos num céu inteligível, se bem que, como vimos, Deus não exista. É essa, creio eu, a tendência de tudo o que é chamado na França de radicalismo: **por outras palavras, a inexistência de Deus não mudará nada; reencontramos as mesmas normas de honestidade, de progresso, de humanismo e teremos assim transformado Deus numa hipótese caduca, que morrerá tranquilamente por si própria.** O existencialista, pelo contrário, pensa que é extremamente incômodo que Deus não exista, pois, junto com ele, desaparece toda e qualquer possibilidade de encontrar



## Literatura/Filosofia:



**Simone de Beauvoir** (1908-1986) Foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política e feminista francesa. Em sua obra **Segundo Sexo** ela detalha a situação da mulher na sociedade contemporânea.



## Filosofia:



**Kierkegaard** (1813-1855) Foi um filósofo e teólogo dinamarquês. Em sua filosofia encontramos a origem do existencialismo.

## Filme/cinema:



**Os amantes do café Flore (2006)**  
Direção: Ilan Duran Cohen  
O filme apresenta a relação amorosa entre Beauvoir e Sartre.

## Vídeo/YouTube:



The School of Life - Sartre  
<https://www.youtube.com/watch?v=3bOsZxDQgzU>

valores num céu inteligível; não pode mais existir nenhum bem *a priori*, já que não existe uma consciência infinita e perfeita para pensá-lo; não está escrito em nenhum lugar que o bem existe, que devemos ser honestos, que não devemos mentir, já que nos colocamos precisamente num plano em que só existem homens. **Dostoiévski** escreveu: “Se Deus não existisse, tudo seria permitido”. Eis o ponto de partida do existencialismo. **De fato, tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dela nada a que se agarrar.** Para começar, não encontra desculpas. Com efeito, **se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade.** Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que **o homem está condenado a ser livre.** Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz. O existencialismo não acredita no poder da paixão. Ele jamais admitirá que uma bela paixão é uma corrente devastadora que conduz o homem, fatalmente, a determinados atos, e que, conseqüentemente, **é uma desculpa.** Ele considera que **o homem é responsável por sua paixão.** O existencialista não pensará nunca, também, que o homem pode conseguir o auxílio de um sinal qualquer que o oriente no mundo, pois considera que é o próprio homem quem decifra o sinal como bem entende. Pensa, portanto, que o homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante. Ponge escreveu, num belíssimo artigo: “O homem é o futuro do homem”. É exatamente isso. Apenas, se por essas palavras se entender que o futuro está inscrito no céu, que Deus pode vê-lo, então a afirmação está errada, já que, assim, nem sequer seria um futuro. Se se entender que, qualquer que seja o homem que surja no mundo, ele tem um futuro a construir, um futuro virgem que o espera, então a expressão está correta. Porém, nesse caso, estamos desamparados. Tentarei dar-lhes um exemplo que permita compreender melhor o desamparo; contarei o caso de um dos meus alunos, que veio procurar-me nas seguintes circunstâncias: o pai estava brigando com a mãe e tinha tendências colaboracionistas; o irmão mais velho morrera durante a ofensiva alemã de 1940; e esse jovem, com sentimentos um pouco primitivos mas generosos, desejava vingá-lo. A mãe vivia só com ele, muito perturbada pela semitração do pai e pela morte do filho mais velho, e ele era seu único consolo. Esse jovem tinha, naquele momento, a seguinte escolha: partir para a Inglaterra e alistar-se nas Forças Francesas Livres, ou seja, abandonar a mãe, ou permanecer com a mãe e ajudá-la a viver. Ele tinha consciência de que a mãe só vivia em função dele e que o seu desaparecimento, talvez



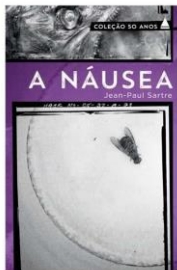
### Vídeo/Youtube:



Crash Course - Existentialism

<https://www.youtube.com/watch?v=YaDvRdLMkHs>

### Literatura/Filosofia:

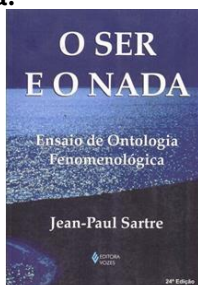


#### **A Náusea (1938)**

Autor: Jean-Paul Sartre

Romance existencialista, nele estão presentes de modo ficcional princípios de sua filosofia. O texto foi escrito sob a forma de diário íntimo, observações banais de Antoine Roquentin sobre a vida humana, seu absurdo, dúvidas e problemas.

### Filosofia:



#### **O Ser e o Nada (1943)**

Autor: Jean-Paul Sartre

Principal obra do filósofo que reflete sobre apresenta a análise do Ser em sua mais pura essência, existindo apenas para a consciência.

### Filmes/Cinema:



#### **Amor (2012)**

Direção: Michael Haneke.

Esse filme francês trata sobre o amor presente na velhice. Aborda de modo natural a vida, seus problemas, escolhas, abandonos, desesperos e angústias.

a sua morte, a mergulharia no desespero. Tinha também consciência de que, no fundo, cada ato que ele fazia em relação à mãe tinha uma resposta concreta, no sentido de que ele a ajudava a viver, enquanto cada ato que ele fizesse para partir e combater seria ambíguo, poderia perder-se na areia, não servir para nada; por exemplo: partindo para a Inglaterra, ele poderia permanecer indefinidamente num campo espanhol ao passar pela Espanha; poderia chegar à Inglaterra, ou a Argel, e ser colocado num escritório preenchendo papéis. Encontrava-se, assim, perante dois tipos de ação muito diferentes; uma delas concreta, imediata, porém dirigida a um só indivíduo; a outra, dirigida a um conjunto infinitamente mais vasto, uma coletividade nacional, mas, por isso mesmo, ambígua, e podendo ser interrompida a meio caminho. Simultaneamente, ele hesitava entre dois tipos de moral. De um lado, uma moral da simpatia, da devoção individual; e, de outro lado, uma moral mais ampla, mas de uma eficácia mais contestável. Precisava escolher uma das duas. Quem poderia ajudá-lo a escolher? A doutrina cristã? Não. A doutrina cristã diz: sede caridosos, amai o próximo, sacrificai-vos por vosso semelhante, escolhei o caminho mais árduo etc., etc. Mas qual é o caminho mais árduo? Quem devemos amar como irmão, o combatente ou a mãe? Qual a utilidade maior: aquela, vaga, de participar de um corpo de combate, ou a outra, precisa, de ajudar um ser específico a viver? **Quem pode decidir a priori? Ninguém.** Nenhuma moral estabelecida tem uma resposta. A moral kantiana diz-nos: nunca trate os outros como um meio, trate-os como um fim. Muito bem; se eu ficar junto de minha mãe, estarei tratando-a como um fim e não como um meio, mas, por isso mesmo, estarei correndo o risco de tratar como meio aqueles que combatem à minha volta, e, vice-versa, se eu me juntar àqueles que combatem, estarei tratando-os como fim e, pelas mesmas razões, posso estar tratando minha mãe como meio.

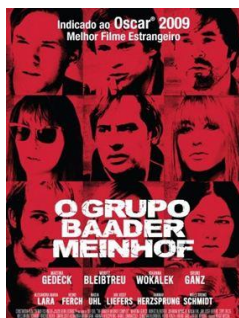
Já que os valores são vagos e que eles são sempre amplos demais para o caso preciso e concreto que consideramos, só nos resta confiar em nosso instinto. Foi o que o jovem tentou fazer; e, quando nos encontramos, ele dizia: no fundo, o que conta é o sentimento; eu deveria escolher aquilo que verdadeiramente me impele em determinada direção. Se eu sentir que gosto da minha mãe o bastante para lhe sacrificar todo o resto – meu desejo de vingança, meu desejo de ação, meu desejo de aventuras –, fico com ela. Se, pelo contrário, eu sentir que meu amor por minha mãe não é suficiente, então eu parto. Mas como determinar o valor de um sentimento? O que é que constituía o valor do sentimento que ele tinha por sua mãe? Precisamente o fato de que ele permanecera, por ela. Posso dizer: amo tal amigo o suficiente para lhe sacrificar tal soma de dinheiro; mas só poderei dizê-lo se o fizer. Posso dizer: amo minha mãe o bastante para ficar junto dela; mas não posso determinar o valor dessa afeição a não ser, precisamente, que eu pratique um ato que a confirme e a defina. Ora, como eu desejo que esse afeto justifique os meus atos, acabo sendo



### **Corra Lola, Corra** (1998)

Direção: Tom Tykwer

Filme alemão que apresenta de modo frenético a teoria do caos (processo estocástico) na vida de uma jovem alemã. Uma escolha muda tudo.

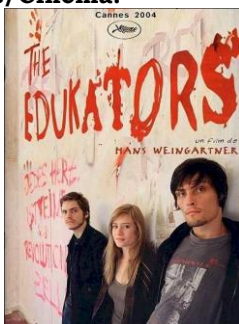


### **O Grupo Baader Meinhof** (2008)

Direção: Uli Edel

Filme alemão que apresenta a história do polêmico e bélico grupo de jovens alemães que se engajaram em prol de uma causa e tiveram graves consequências em suas vidas.

### **Filmes/Cinema:**



### **The Edukators** (2004)

Direção: Hans Weingartner

Esse filme alemão conta a história de adolescentes engajados que expressam sua indignação de uma forma pacífica: invadem mansões e trocam os móveis de lugar. Problemas surgem na trama que fazem com que eles reflitam sobre seus atos.

arrastado num círculo vicioso.

Por outro lado, **Gide** disse, e muito bem, que um sentimento representado e um sentimento vivido são duas coisas quase indiscerníveis: decidir que amo minha mãe ficando junto dela, ou representar uma comédia que me levará a ficar, por causa de minha mãe, é mais ou menos a mesma coisa. Por outras palavras: o sentimento constrói-se através dos atos praticados; não posso, portanto, pedir-lhe que me guie. O que significa que não posso nem procurar em mim mesmo a autenticidade que me impele a agir, nem buscar numa moral os conceitos que me autorizam a agir. Vocês dirão: pelo menos, o jovem procurou o professor para pedir-lhe conselho. Porém, se vocês procurarem um padre, por exemplo, para que eles os aconselhe, vocês estarão escolhendo esse padre, e, no fundo, vocês já estarão sabendo, aproximadamente, o que ele lhes irá aconselhar. **Ou seja: escolher o conselheiro é, ainda, engajar-se.** A prova disso está em que, se vocês forem cristãos, dirão: consulte um padre. Existem, no entanto, padres colaboracionistas, padres oportunistas, padres resistentes. Qual deles escolher? E, se o jovem escolher um padre resistente ou um padre colaboracionista, já estará decidindo o tipo de conselho que irá receber. Assim, vindo procurar-me, ele sabia a resposta que eu lhe daria, e eu só tinha uma única resposta: **you are free; choose, invent, no general moral will indicate the way to follow; there are no signs in the world.** Os católicos arguirão: sim, existem sinais. Admitamos que sim; de qualquer modo, ainda sou eu mesmo que escolho o significado que têm. Quando estive preso, conheci um homem assaz notável, que era jesuíta, havia ingressado na ordem dos **jesuítas** da seguinte forma: tinha experimentado uma série de dolorosos fracassos; ainda criança, seu pai morrera deixando-o pobre; entrou como bolsista numa instituição religiosa onde faziam questão de lembrar-lhe a todo instante que **ele era aceito por caridade;** em seguida, perdera diversas distinções honoríficas que tanto agradam às crianças; mais tarde, por volta dos dezoito anos, fracassou numa aventura sentimental; finalmente, aos vinte e dois anos, falhou em sua preparação militar, fato bastante pueril que, no entanto, constituiu a gota que fez transbordar o jarro. Esse jovem podia portanto considerar que fracassara em tudo; era um sinal, mas um sinal de quê? Poderia refugiar-se na amargura ou no desespero. Porém, muito habilmente para si próprio, considerou que seus insucessos eram um sinal de que ele não nascera para os triunfos seculares, e que só os triunfos da religião, da santidade, da fé, estavam ao seu alcance. Viu, portanto, nesse sinal, a vontade de Deus e ingressou na Ordem. Quem poderia deixar de perceber que a decisão sobre o significado do sinal foi tomada por ele e só por ele? Seria possível deduzir outra coisa dessa série de insucessos: por exemplo, que seria melhor se ele fosse carpinteiro ou revolucionário. **Ele carrega, portanto, a total responsabilidade da decifração. O desamparo implica que somos nós mesmos que escolhemos o nosso ser. Desamparo e angústia caminham juntos.** Quanto ao **desespero**, trata-se de



### **Crash, no limite (2004)**

Direção: Paul Haggis

Filme fala sobre preconceito, intolerância e apresenta a ideia de que no limite podemos nos mostrar diferentes daquilo que estava acostumado a ser. No limite, escolhemos aquilo que seremos e que pode estar fora do projeto que busquei a minha vida inteira.

### **Matemática:**

Teoria do Caos / Processo estocástico: A ideia central da teoria do caos é que uma pequenina mudança no início de um evento qualquer pode trazer consequências enormes e absolutamente desconhecidas no futuro. Por isso, tais eventos seriam praticamente imprevisíveis - caóticos.

### **Vídeo/youtube:**



Nerdologia – Caos e efeito borboleta

<https://www.youtube.com/watch?v=C4eHJ8ZJgG4>

### **Jogos/Filosofia:**



### **Filosofighter**

Escolha o seu filósofo (Platão, Santo Agostinho, Maquiavel, Descartes, Rousseau, Marx, Nietzsche, Simone de Beauvoir e Sartre) e bom divertimento.

<http://super.abril.com.br/multimidia/filosofighters-631063.shtml>

um conceito extremamente simples. Ele significa que só podemos contar com o que depende da nossa vontade ou com o conjunto de probabilidades que tornam a nossa ação possível. Quando se quer alguma coisa, há sempre elementos prováveis. Posso contar com a vinda de um amigo. Esse amigo vem de trem ou de ônibus; sua vinda pressupõe que o ônibus chegará na hora marcada e que o trem não descarrilhará. Permaneço no reino das possibilidades; porém, trata-se de contar com os possíveis apenas na medida exata em que nossa ação comporta o conjunto desses possíveis. A partir do momento em que as possibilidades que estou considerando não estão diretamente envolvidas em minha ação, é preferível desinteressar-me delas, pois nenhum Deus, nenhum designo poderá adequar o mundo e seus possíveis à minha vontade. No fundo, quando Descartes afirmava: “É melhor vencermo-nos a nós mesmos do que ao mundo”, ele queria dizer a mesma coisa: agir sem esperança. Os marxistas, com quem conversei, retrucam-me: “Em sua ação, que estará, evidentemente, limitada por sua morte, você pode contar com a ajuda dos outros. Isso significa contar, simultaneamente, com o que os outros farão alhures para ajudá-lo, na China, na Rússia, e com o que eles farão mais tarde, depois de sua morte, para retomar sua ação e conduzi-la até sua completa realização, ou seja, à revolução. Você deve contar com isso, caso contrário estará demonstrando falta de moral”. Antes de mais nada devo dizer que contarei sempre com meus companheiros de luta, na medida em que esses companheiros estão **engajados** comigo numa luta concreta e comum, na unidade de um partido ou de um grupo que eu posso, em linhas gerais, controlar; ou seja, ao qual eu pertencço como militante, e de cujos movimentos estou ciente a cada instante. Nesse caso, contar com a unidade e com a vontade desse partido é exatamente como contar com o fato de que o ônibus chegará na hora certa e o trem não descarrilhará. Não posso, porém, contar com homens que não conheço, fundamentando-me na bondade humana ou no interesse do homem pelo bem-estar da sociedade, já que **o homem é livre e que não existe natureza humana na qual possa me apoiar**. Não sei qual será o futuro da **revolução russa**; posso admirá-la e tomá-la como exemplo, na medida em que tenho provas, hoje, de que o proletariado desempenha, na Rússia, um papel que ele não desempenha em nenhuma outra nação. Mas não posso afirmar que tal situação irá forçosamente conduzir ao triunfo do proletariado; devo ater-me ao que vejo; não posso ter certeza de que meus companheiros de luta retomarão o meu trabalho após minha morte para o conduzir à máxima perfeição, visto que esses homens são livres e decidirão livremente, amanhã, sobre o que será o homem; amanhã, após minha morte, alguns homens podem decidir instaurar o **fascismo**, e outros podem ser bastante covardes ou fracos para permitir que o façam; nesse momento, o **fascismo** será a verdade humana e pior para nós; na realidade, as coisas serão como o homem decidir que elas sejam. Isso significa que eu deva abandonar-me ao **quietismo**? De modo algum. Primeiro, tenho que me **engajar**; em seguida,



## História:



### Revolução russa (1917)

Os bolcheviques, liderados por Lênin, organizaram uma nova revolução que ocorreu em outubro de 1917. Prometendo paz, terra, pão, liberdade e trabalho, Lênin assumiu o governo da Rússia e implantou o socialismo. As terras foram redistribuídas para os trabalhadores do campo, os bancos foram nacionalizados e as fábricas passaram para as mãos dos trabalhadores. Muitos integrantes da monarquia, além de seus simpatizantes e opositores ao nascente regime socialista, foram perseguidos e condenados à morte pelos revolucionários.

Lênin também retirou seu país da Primeira Guerra Mundial no ano de 1918. Foi instalado o partido único: o PC (Partido Comunista).

Fonte:

<http://www.suapesquisa.com/russa/>

**Fascismo:** (1) Tendência para o exercício de forte controle autocrático ou ditatorial. (2) Movimento político e filosófico (como o estabelecido por Benito Mussolini na Itália, em 1922).

## Literatura:



### Marcel Proust (1871-1922)

Escritor francês, famoso por sua obra *Em busca do tempo perdido*.



**Jean Baptiste Racine** (1639-1699). Escritor francês considerado um dos maiores dramaturgos clássicos da França.

agir segundo a velha fórmula: “não é preciso ter esperança para empreender”. Isso não quer dizer que eu não deva pertencer a um partido, mas que não deverei ter ilusões e que farei o melhor que puder. Por exemplo, se eu perguntar a mim mesmo: a coletivização, enquanto tal, será um dia implantada? Como vou saber? Sei apenas que farei tudo o que estiver ao meu alcance para que ela o seja; eu o farei; para além disso, não posso contar com mais nada. O **quietismo** é a atitude daqueles que dizem: os outros podem fazer o que eu não posso. A doutrina que lhes estou apresentando é justamente o contrário do quietismo, visto que ela afirma: **a realidade não existe a não ser na ação**; aliás, vai mais longe ainda, acrescentando: **o homem nada mais é do que o seu projeto**; só existe na medida em que se realiza; **não é nada além do conjunto de seus atos, nada mais que sua vida**. Em função disso, podemos entender por que nossa doutrina horroriza certo número de pessoas. Frequentemente, elas dispõem de um único recurso para suportar a sua miséria, e é o de pensar o seguinte: “As circunstâncias estavam contra mim; eu valia muito mais do que aquilo que fui; é certo que não tive nenhum grande amor ou nenhuma grande amizade, mas foi porque não encontrei um homem ou uma mulher dignos de tal sentimento; se não escrevi livros muito bons, foi porque não tive tempo livre suficiente para fazê-lo; se não tive filhos a quem me dedicar, foi porque não encontrei o homem com quem teria podido construir a minha vida. Permaneceram, portanto, em mim, inutilizadas e inteiramente viáveis, uma porção de disposições, de inclinações, de possibilidades que me conferem um valor que o simples conjunto de meus atos não permitem inferir”. **Ora, na verdade, para o existencialista, não existe amor senão aquele que se constrói; não há possibilidade de amor senão a que se manifesta num amor; não há gênio senão aquele que se expressa em obras de arte; o gênio de Proust é a totalidade das obras de Proust; o gênio de Racine é a série de tragédias que escreveu; para além disso, não há nada. Por que atribuir a Racine a possibilidade de escrever uma outra tragédia, se, justamente, ele não o fez? Um homem compromete-se com sua vida, desenha seu rosto e para além desse rosto, não existe nada. Evidentemente, tal pensamento pode parecer difícil de aceitar por alguém que tenha fracassado em seus projetos de vida. Mas, por outro lado, ele leva as pessoas a entenderem que só a realidade conta, que os sonhos, as esperas, as esperanças, só permitem que o homem se defina como sonho malgrado, como esperanças abortadas, como esperas inúteis; ou seja, que ele se defina em negativo e não em positivo; todavia, quando se diz: “tu nada mais és do que tua vida...”, isso não implica que o artista seja julgado unicamente por suas obras de arte; mil outras coisas contribuem igualmente para defini-lo. O que queremos dizer é que um homem nada mais é do que uma série de empreendimentos, que ele é a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem esses empreendimentos.**



**Atividade 1**

1. (Ufu 2009) Leia atentamente o texto a seguir.

“[...] se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade.”

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 09.

Tomando o texto acima como referência, faça o que se pede.

a) Mencione *quatro conceitos básicos* do existencialismo de Sartre.

---

---

b) A frase “não existe determinismo” significa que o ser humano pode agir de forma *livre e irresponsável*? Por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

2. (Ufpr 2007) Os trechos abaixo foram retirados de *O existencialismo é um humanismo*, de Sartre.

“Consideremos um objeto fabricado, como, por exemplo, um livro ou um corta-papel; esse objeto foi fabricado por um artifice que se inspirou num conceito; tinha, como referenciais, o conceito de corta-papel assim como determinada técnica de produção (...) Desse modo, o corta-papel é, simultaneamente, um objeto que é produzido de certa maneira e que, por outro lado, tem uma utilidade definida (...) Podemos assim afirmar que, no caso do corta-papel, a essência – ou seja, o conjunto das técnicas e das qualidades que permitem a sua produção e definição – precede a existência.”

(Sartre, *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Ed. Nova Cultural, Col. “Os Pensadores”, volume “Sartre”, 1987, p. 5.)

“O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. (...) O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo (...) Se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é, de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência.”

(Sartre, *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Ed. Nova Cultural,

Col. "Os Pensadores", volume "Sartre", 1987, p. 6.)

Compare os dois trechos acima, considerando a relação estabelecida pelo autor entre essência e existência.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

#### Atividade 2 – Debate em sala de aula

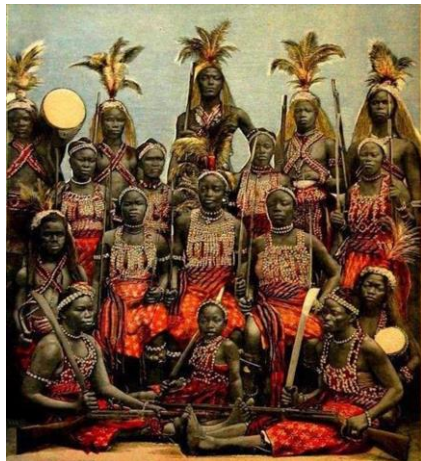
Para Sartre, o homem é aquilo que faz de si próprio. O que Sartre faz é transformar esse subjetivismo em ética, na medida em que o construir-se constitui o espaço da dignidade. A liberdade não é algo levemente construído, senão que existe uma responsabilidade absoluta pelo que resulta. Se a natureza humana fosse um molde rígido ou mesmo maleável, como propõem os psicanalistas, porém passivo, como afirmam os behavioristas, o homem não poderia ser responsável por si mesmo.

Fonte: <https://psicologado.com/abordagens/humanismo/existencialismo-jean-paul-sartre>

Problematize com seus colegas a liberdade apresentada por Sartre frente os argumentos oriundos de correntes defensoras do determinismo natural e/ou social (hereditariedade e ambiente social).



## História/África:



**Amazonas do Daomé:** guerreiras africanas do Daomé, também conhecidas como as guerreiras de Mino (atual Benin). Exército de mulheres criado no início do século XVII, e por quase 200 anos dominou e prevaleceu invicto. As Amazonas do Daomé eram mulheres altas e fisicamente fortes, rigidamente disciplinadas. Elas utilizavam como vestimentas uma túnica e um par de calças na altura do joelho e usavam diversas armas, incluindo espadas curtas, adagas, machados, arcos e lanças. No século XIX foi adicionada aos utensílios de luta até mesmo armas de fogo. Além de participar dos combates, também realizavam tarefas de carrasco, fazendo execuções de prisioneiros.

## Arte/Grafite:



Artista francesa YZ Yseult fez diversos grafites em Benin resgatando a história das Amazonas de Daomé.

## Vocabulário:

**Handicap:** termo inglês que significa vantagem ou desvantagem. Pode significar também obstáculos, dificuldades, incapacidade. Beauvoir utiliza tal conceito

## Texto 3 – O segundo Sexo

**Autora: Simone de Beauvoir**

Fonte: *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir, in <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>, pp. 81-86.

**O MUNDO sempre pertenceu aos machos.** Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da **filosofia existencial** os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a **hierarquia dos sexos se estabeleceu**. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, **cada uma delas quer impor à outra sua soberania**; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. **Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. Mas que privilégio lhe permitiu satisfazer essa vontade?**

As informações que fornecem os **etnógrafos** acerca das formas primitivas da sociedade humana são **terrivelmente contraditórias** e tanto mais quanto eles são mais bem informados e menos sistemáticos. É singularmente difícil ter uma ideia da situação da mulher no período que precedeu o da agricultura. Não se sabe sequer se, em condições de vida tão diferentes das de hoje, a musculatura da mulher, seu aparelho respiratório, não eram tão desenvolvidos como os do homem. **Duros trabalhos eram-lhe confiados e, em particular, ela é que carregava os fardos.** Entretanto, este último fato é ambíguo: é possível que essa função lhe fosse determinada para que, nos comboios, o homem conservasse as mãos livres a fim de defender-se contra os agressores ocasionais, indivíduos ou animais.

Seu papel era, portanto, o mais perigoso e o que exigia **mais vigor**. Parece, entretanto, que **em muitos casos as mulheres eram bastante robustas e resistentes para participar das expedições dos guerreiros**. Segundo as narrativas de Heródoto, as descrições relativas às **Amazonas do Daomé** e muitos outros testemunhos antigos e modernos, aconteceu **mulheres tomarem parte em guerras e vinditas sangrentas**. Mostravam nessas ocasiões **a mesma coragem e a mesma crueldade que os homens**. Citam-se algumas que mordiam ferozmente o fígado de seus inimigos. **Apesar de tudo**, é provável que, então como hoje, **os homens tivessem o privilégio da força física**. Na era da maça e das feras, na era em que as resistências da Natureza atingiam um ponto máximo e as ferramentas eram as mais elementares, **essa superioridade devia ter uma enorme importância**. Em todo caso, por robustas que fossem as mulheres, na luta contra o mundo hostil as **servidões da reprodução** representavam para elas um terrível **handicap**: conta-se que as Amazonas mutilavam os seios, o que significava que, pelo menos durante o período de sua vida

referindo-se ao segundo sentido (obstáculo).

#### Filosofia/Matemática:



#### Hipácia (350 d.C. – 415 d. C.)

Filósofa neoplatonista, matemática e astrônoma do “Egito Romano”. É considerada a primeira mulher da matemática e a última intelectual de destaque da Alexandria. Foi morta de forma brutal, acusada de bruxaria.

#### Filmes/Cinema:



#### Alexandria (Agora) – 2009

Direção: Alejandro Amenábar.



A atriz britânica Rachel Weisz interpretou a filósofa Hipácia na superprodução espanhola *Alexandria (Agora)*.

guerreira, **recusavam a maternidade**. Quanto às mulheres normais, a gravidez, o parto, a menstruação diminuíam sua capacidade de trabalho e condenavam-nas a longos períodos de **impotência**. Para se defender contra os inimigos, para assegurar sua manutenção e a da prole, elas necessitavam da proteção dos guerreiros, e do produto da caça, da pesca a que se dedicavam os homens; como não havia evidentemente nenhum controle dos nascimentos, como a Natureza não assegura à mulher períodos de esterilidade como às demais fêmeas de mamíferos, **as maternidades repetidas deviam absorver a maior parte de suas forças e de seu tempo**. Não eram capazes de assegurar a vida dos filhos que pariam. E eis um primeiro fato de **pesadas consequências: os primeiros tempos da espécie humana foram difíceis**. Os povos coletores, caçadores e pescadores só extraíam do solo poucas riquezas e à custa de duros esforços. Nasciam crianças demais em relação aos recursos da coletividade; **a fecundidade absurda da mulher impedia-a de participar ativamente na ampliação desses recursos, ao passo que criava indefinidamente novas necessidades**. Imprescindível à perpetuação da espécie, perpetuava-se de maneira exagerada: o homem é que assegurava o equilíbrio da reprodução e da produção. Assim, a mulher não tinha sequer o privilégio de manter a vida em face do macho procriador; não desempenhava o papel do óvulo em relação ao espermatozoide, da matriz em relação ao falo; só tinha uma parte no esforço da espécie humana por perseverar em seu ser, e era graças ao homem que esse esforço se realiza concretamente.

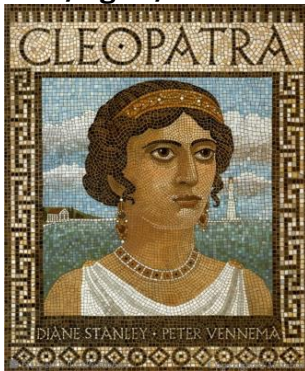
Entretanto, como o equilíbrio da produção-reprodução consegue sempre estabelecer-se, ainda que à custa de infanticídios, de sacrifícios, de guerras, **homens e mulheres do ponto de vista da sobrevivência coletiva são igualmente necessários**. Poder-se-ia mesmo supor que, em certos estágios de abundância alimentar, **seu papel protetor e nutritivo tenha subordinado o macho à mulher-mãe**. Há fêmeas animais que encontram na maternidade uma completa autonomia; **por que a mulher não conseguiu fazer disso um pedestal?**

Mesmo nos momentos em que a humanidade reclamava mais asperamente maior número de nascimentos, a necessidade de mão-de-obra superando a de matérias-primas a explorar, mesmo nas épocas em que a maternidade foi mais venerada, **não permitiu ela que as mulheres conquistassem o primeiro lugar**. A razão está em que a humanidade não é uma simples espécie natural: ela não procura manter-se enquanto espécie; seu projeto não é a estagnação: ela tende a superar-se.

As hordas primitivas quase não se interessavam pela sua posteridade. Não estando fixadas em um território, nada possuindo, não se encarnando em nenhuma coisa estável, não podiam ter nenhuma ideia concreta da permanência. Não tinham a preocupação de sobreviver a si mesmas e não se reconheciam na sua descendência: não temiam a morte e não reclamavam herdeiros; os filhos constituíam para elas um



### História/Egito/Rainha:



#### Cleóprata (69 a.C. a 30 a. C.)

Uma das mais famosas faraós do Egito Antigo. Ela consumou uma ligação com Júlio César (Roma), que solidificou sua permanência no trono. Mais tarde, ela elevou seu filho com César, Cesário, para corregente. Cleóprata foi uma grande negociante, estrategista militar, falava seis idiomas e conhecia filosofia, literatura e arte gregas.

#### Filme/Cinema:

##### **Cleopatra** (1963)

Direção: Rouben Mamoulian

Elenco: Elizabeth Taylor



O filme foi criticado por representar uma Cleopatra branca/caucasiana, distante dos traços possíveis da real Cleóprata. Compare com a imagem acima.

### História/França:



#### Joana D'Arc (1412-1431)

Joana d'Arc é uma heroína francesa e santa da igreja católica. Líder militar da Guerra dos Cem Anos. Sem nenhum conhecimento militar, convenceu na base da fé um pequeno grupo de soldados a acompanhá-la. A camponesa obteve o que parecia

encargo e não uma riqueza; a prova está em que os infanticídios foram numerosos entre os povos nômades e muitos recém-nascidos que não eram exterminados morriam por falta de higiene em meio à indiferença geral. A mulher que engendra não conhece pois o orgulho da criação; sente-se o joguete passivo de forças obscuras e o parto doloroso é um acidente inútil e até importuno. Mais tarde, deu-se maior importância ao filho. Contudo, engendrar, aleitar não são atividades, são funções naturais; nenhum projeto nelas se empenha. Eis por que nelas a mulher não encontra motivo para uma afirmação ativa de sua existência: ela suporta passivamente seu destino biológico. Os trabalhos domésticos a que está votada, porque só eles são conciliáveis com os encargos da maternidade, encerram-na na repetição e na imanência; reproduzem-se dia após dia sob uma forma idêntica que se perpetua quase sem modificação através dos séculos: não produzem nada de novo. O caso do homem é radicalmente diferente; ele não alimenta a coletividade à maneira das abelhas operárias mediante simples processo vital e sim com atos que transcendem sua condição animal. O *homo faber* é desde a origem dos tempos um inventor: já o bastão e a maça com que se arma para derrubar os frutos ou derrubar os animais, são instrumentos com os quais ele aumenta seu domínio sobre o mundo. Não se atém a transportar para o lar peixes pegados nas águas, cumpre-lhe primeiramente assenhorear-se destas fabricando pirogas: para apossar-se das riquezas do mundo, ele anexa o próprio mundo. Nessa ação, experimenta seu poder: põe objetivos, projeta caminhos em direção a eles, realiza-se como existente. Para manter, cria; supera o presente, abre o futuro. Eis porque as expedições de caça e pesca assumem um caráter sagrado. Acolhem-se os seus êxitos com festas e triunfos; o homem neles conhece sua humanidade. Esse orgulho, ele o manifesta ainda hoje quando constrói uma barragem, um arranha-céu, uma pilha atômica. Não trabalhou somente para conservar o mundo dado: dilatou-lhes as fronteiras, lançou bases de um novo futuro.

Sua atividade tem outra dimensão que lhe dá sua **suprema dignidade**, e ela é amiúde perigosa. Se o sangue não passasse de alimento, não teria mais valor que o leite; mas o caçador não é um carniceiro: na luta contra os animais selvagens corre riscos. O guerreiro põe em jogo a própria vida para aumentar o prestígio da horda e do clã a que pertence. Com isso, prova de maneira convincente que a vida não é para o homem o valor supremo, que ela deve servir a fins mais importantes do que ela própria. A maior maldição que pesa sobre a mulher é estar excluída das expedições guerreiras. Não é dando a vida, é arriscando-a que o homem se ergue acima do animal; eis por que, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra e sim ao que mata.

**Temos aqui a chave de todo o mistério.** No nível da biologia é somente criando-se inteiramente de novo que uma espécie se mantém; mas essa criação não passa de uma repetição da mesma Vida sob formas diferentes. É

impossível: seu próprio exército, de cerca de 7 mil homens, e a autorização real para marchar até Orleans (a 130 km de Paris) e livrá-la do cerco inglês.

**Arte:**

**Camille Claudel (1864-1943)**



**Texto de Fernanda S. Franco**

“Em janeiro, durante a viagem à Paris, dentre os muitos museus incríveis que pudemos conhecer, um dos destinos certos era o Museu Rodin. Afinal, conhecer o Pensador, os Portões do Inferno é conhecer a genialidade de um artista inigualável.

No entanto, naquele museu eu entrei diferente. Porque ali estava a narrativa de vida de Camille Claudel.

Camille foi uma jovem brilhante, reconhecidamente brilhante, na arte da escultura tanto por seu amante e tutor, Rodin, como por toda a classe artística parisiense do virar do século XIX ao XX. Rodin afirmava inclusive que Camille influenciou muito a obra dele como nenhum outro artista e que muitas vezes ele se assombrou com a habilidade dela, muito superior a dele, e se inspirou em sua visão artística. Foi ela inclusive a responsável por todas as mãos e pés dos portões do inferno (Rodin reconhecidamente explorava seus aprendizes sem qualquer menção no crédito das obras)

Camille era muito mais jovem que o seu "mestre", eles eram amantes. Ele a abandonou.

Rodin, já ao fim da vida, decidiu que aquele prédio seria o museu que levaria seu nome, decidiu quais obras suas deveriam ficar para a humanidade ali. Porque Rodin era bom demais e artista demais para não ser reconhecido.

transcendendo a Vida pela Existência que o homem assegura a repetição da Vida: com essa superação, ele cria valores que denegam qualquer valor à repetição simples. No animal, a gratuidade, a variedade das atividades do macho permanecem vãs porque nenhum projeto o habita; quando não serve a espécie, o que faz não é nada; ao passo que, servindo a espécie, **o macho humano molda a face do mundo, cria instrumentos novos, inventa, forja um futuro.** Pondo-se como soberano, ele encontra a cumplicidade da própria mulher, porque ela é também um **existente, ela é habitada pela transcendência e seu projeto não está na repetição e sim na sua superação em vista de um futuro diferente; ela acha no fundo de seu ser a confirmação das pretensões masculinas.** Associa-se aos homens nas festas que celebram os êxitos e as vitórias dos machos. Sua desgraça consiste em ter sido biologicamente votada a repetir a Vida, quando a seus próprios olhos a Vida não apresenta em si suas razões de ser e essas razões são mais importantes do que a própria vida.

Certas passagens da dialética com que **Hegel** define a relação do **senhor com o escravo** se aplicariam muito melhor à relação do **homem com a mulher**. O privilégio do senhor, diz, vem de que afirma o Espírito contra a Vida pelo fato de arriscar sua vida; mas, na realidade, o escravo vencido conheceu o mesmo risco, **ao passo que a mulher é originalmente um existente que dá a Vida e não arrisca sua vida: entre ela e o macho nunca houve combate.** A definição de **Hegel** aplica-se singularmente a ela. "A outra [consciência] é a consciência dependente para a qual a realidade essencial é a vida animal, isto é, o ser dado por uma entidade outra." Mas essa relação distingue-se da relação de opressão porque a mulher visa e reconhece, ela também, os valores que são concretamente atingidos pelo homem: ele é que abre o futuro para o qual transcende. **Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: entenderam criar um campo de domínio feminino — reinado da vida, da imanência — tão-somente para nele encerrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura sua justificação no movimento de sua transcendência: a própria submissão da mulher é a prova disso. O que elas reivindicam hoje é serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não de sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade.**

Uma **perspectiva existencial** permitiu-nos, pois, compreender como a situação biológica e econômica das hordas primitivas devia acarretar a supremacia dos machos. A fêmea, mais do que o macho, **é presa da espécie;** a humanidade sempre procurou evadir-se de seu destino específico; pela invenção da ferramenta, a manutenção da vida tornou-se para o homem atividade e projeto, ao passo que **na maternidade a mulher continua amarrada a seu corpo, como o animal.** É porque a humanidade se põe em questão em seu ser, isto é, **prefere razões de viver à vida, que perante a mulher o homem se**



Camille terminou sua vida em um hospício, morreu sozinha e mal cuidada, sem acesso a qualquer possibilidade de criar após décadas ali trancada, considerada louca porque... era boa demais e livre demais para uma mulher.

Ver ali ao vivo em meio a tantas odes ao ego do artista uma sala tímida dedica a ela e que tinha em seu centro a escultura *L'age mur*, que retrata Camille jovem desesperada clamando por Rodin, que a deixa pela companheira segura, a velhice, essa que é a última obra de uma artista que poderia ter sido, foi um dos momentos mais belos e mais tristes que a arte já me proporcionou. Porque se Camille fosse Rodin, *L'age mur* seria maior que O Pensador; ela é genial, o apogeu do encontro entre técnica, beleza e catarse artística.

Mas Camille era apenas Camille.

Hoje é oito de março, Camille. Lutamos hoje para que um dia essa data seja de comemoração.”

**Fernanda S. Franco**



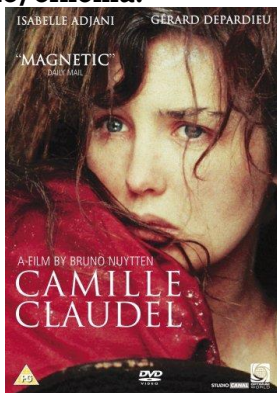
Obra: L'age mur (Idade madura)

Data: 1898-1913

Técnica: Prata e Bronze

Local: Musée d'Orsay e Musée Rodin, Paris, França.

#### Filme/cinema:



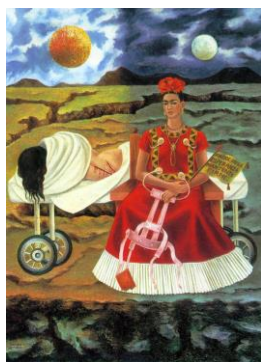
**Camille Claudel (1988)**

Direção: Bruno Nuytten

pôs como senhor; o projeto do homem não é repetir-se no tempo, é reinar sobre o instante e construir o futuro. Foi a atividade do macho que, criando valores, constituiu a existência, ela própria, como valor: **venceu as forças confusas da vida, escravizou a Natureza e a Mulher.** Cabe-nos ver agora como essa situação se perpetuou e evoluiu através dos séculos. Que lugar deu a humanidade a essa parte de si mesma que em seu seio se definiu como o Outro? Que direitos lhe reconheceram? Como a definiram os homens?

#### Atividade 1 – Para saber mais.

##### Coletânea de mulheres extraordinárias:



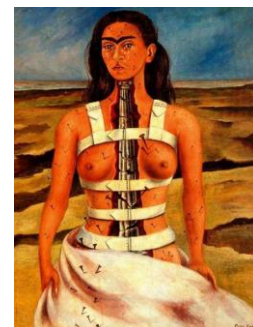
##### Arte: Frida Kahlo (1907-1954)

Em seu diário, publicado em 1995 e traduzido para diversas línguas, e em sua autobiografia publicada em 1953, Frida deixou registradas suas dores e sobretudo suas frustrações pela infidelidade do marido, por quem era extremamente apaixonada, e pela impossibilidade de ter filhos. Toda sua obra, constituída majoritariamente por autorretratos reflete essa condição.

Sua primeira tragédia acontece quando ela tinha seis anos e uma poliomielite a deixou de cama por vários dias. Como seqüela, Frida fica com um dos pés atrofiado e uma perna mais fina que a outra. Mas o fato trágico que mudaria sua vida para sempre aconteceu quando ela tinha dezoito anos.

Frida na época estudava medicina na primeira turma feminina da escola Preparatória Nacional. Então, no dia 17 de setembro de 1925, na volta para casa, ela e seu noivo Alejandro Gómez Arias, sofreram um grave acidente de ônibus que a deixou a beira da morte. Transpassada por uma barra de ferro pelo abdômen e sofrendo múltiplas fraturas, inclusive na coluna vertebral Frida levou vários meses para se recuperar. Ao todo foram necessárias 35 cirurgias e mesmo depois da recuperação ela teria complicações por causa do acidente pelo resto de sua vida chegando a relatar : “E a sensação nunca mais me deixou, de que meu corpo carrega em si todas as chagas do mundo.”

Fonte e texto completo: <http://www.infoescola.com/biografias/frida-kahlo/>



##### Ciência: Marie Curie (1867-1934)

Foi uma física e química polonesa. Apesar de ser uma excelente aluna na escola, ela foi impedida de entrar no ensino superior regular, que só aceitava homens. Ela lutou contra o preconceito e tornou-se uma cientista genial. Foi a primeira mulher a ganhar um Prêmio Nobel e a primeira pessoa a ganhar dois prêmios Nobel em áreas diferentes.

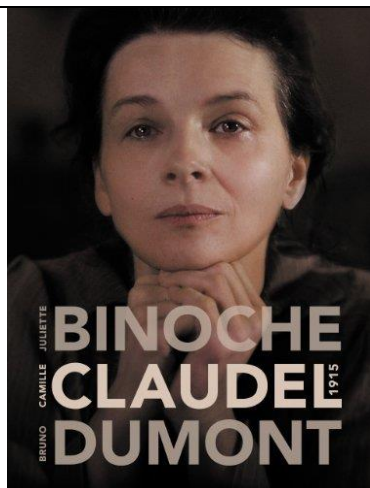
##### Matemática/Computação:

##### Ada Lovelace (1815-1852)

É considerada a primeira programadora do mundo, muito antes da nossa ideia atual de computador pessoal existir. Nasceu em 1815, no Reino Unido, e era filha de Lorde Byron, a única filha legítima do escritor com sua esposa Anne Isabella. Cresceu em um ambiente de lógica e de estudos







**Camille Claudel 1915 (2013)**  
Direção: Bruno Dumont

### Adélia Prado

#### Com licença poética

*Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.*

*Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.*

*Aceito os subterfúgios que me cabem,  
sem precisar mentir.*

*Não sou feia que não possa casar,  
acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
ora sim, ora não, creio em parto sem  
dor.*

*Mas o que sinto escrevo. Cumpro a  
sina.*

*Inauguro linhagens, fundo reinos  
— dor não é amargura.*

*Minha tristeza não tem pedigree,  
já a minha vontade de alegria,  
sua raiz vai ao meu mil avô.*

*Vai ser coxo na vida é maldição pra  
homem.*

*Mulher é desdobrável. Eu sou.*

“a mulher não encontra motivo para uma afirmação ativa de sua existência: ela suporta passivamente seu destino biológico.” Simone de Beauvoir

“eis por que, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra e sim ao que mata.” Simone de Beauvoir

### Atividade 2

Você conhece outras mulheres que marcaram a história da humanidade? Descreva a história delas aqui e compartilhe com seus amigos.

---

---

---

matemáticos e logo seus talentos com os números a aproximaram do inventor Charles Babbage. professor e inventor. Os estudos dos dois permaneceram quase esquecidos, até que as anotações de Lovelace foram republicadas e se tornaram essenciais para inspirar o trabalho de Alan Turing sobre os primeiros computadores modernos na década de 1940.



### História/Brasil:

#### Maria Quitéria de Jesus (1789-1853)

Foi uma militar brasileira, heroína da Guerra da Independência. Teve que se disfarçar de homem meses antes para poder lutar contra os portugueses nas batalhas travadas na Bahia. É considerada a primeira mulher a assentar praça numa unidade militar das Forças Armadas Brasileiras e a primeira mulher a entrar em combate pelo Brasil, em 1823.

### História/Brasil:

#### Anita Garibaldi (1821-1949)

Companheira do revolucionário Giuseppe Garibaldi, Ana Maria de Jesus Ribeiro, a Anita Garibaldi, é conhecida como a Heroína dos Dois Mundos. Após se apaixonar pelo revolucionário, a catarinense se entregou aos ideais democráticos e liberais, aprendeu a lutar com espadas e usar armas de fogo, convertendo-se em uma guerreira que o acompanharia em todos os combates. O casal participou de uma batalha em Curitiba, que resultou em uma fuga de ambos para Montevidéu. Anita morreu em San Martino, no Uruguai, de febre tifóide e foi enterrada na colina de Gianicolo, em Roma, onde Garibaldi e sua esposa são homenageados com estátuas.



### História/Rússia:

#### Valentina Tereshkova (1937-)

Foi a primeira mulher a viajar para o espaço, em 16 de junho de 1963. Ela encarnava o ideal soviético completamente. Nasceu em uma família comunista de trabalhadores operários e rurais na Rússia. Seu pai era motorista de trator e, sua mãe, funcionária de uma fábrica têxtil. Desde cedo, a jovem já curti se aventurar - e esse foi um dos fatores determinantes para a sua escolha. Por gosto, começou a participar de um clube de paraquedistas amadores e deu seu primeiro salto aos 22 anos.



### Arte/França:

#### Coco Chanel (1883-1971)

Agradeça a Gabrielle Bonheur Chanel por poder usar suas calças compridas e seu vestidinho tubinho. A estilista francesa inverteu os padrões da moda nos anos 20 e conseguiu atribuir ao vestuário feminino, peças masculinas e roupas que valorizam as curvas. Para completar, lançou o clássico perfume Chanel n°5 (seu número da sorte) e o corte acima dos ombros.

**História/Brasil:**

**Maria da Penha Maia Fernandes (1945 - ...)**

Por trás de um nome simples está uma das mulheres mais importantes da história recente do Brasil. Maria da Penha Maia Fernandes é líder de movimentos de defesa dos direitos das mulheres e vítima de violência doméstica — ficou paraplégica ao levar um tiro do marido enquanto dormia.

O nome dela virou Lei em 2006, estabelecendo o aumento das punições às agressões contra a mulher e uma série de medidas para proteger a integridade física e psicológica de mulheres vítimas de violência.



## A FILOSOFIA NO ENEM E NOS VESTIBULARES (Sartre, Liberdade e Existencialismo)

1. (Ulbra 2016) Leia o texto a seguir e responda à questão.

“Eram filhas de pequenos camponeses e artesãos, e tinham apelidos como Felicité Vai-de-bom-coração ou Maria Cabeça-de-pau. A maioria era muito jovem, como Ana Quatro-vinténs, que se alistou aos 13 anos, e aos 16 servia na artilharia montada. As irmãs Fernig, com 17 e 22 anos, foram exceções: eram nobres e combateram vestidas de homem no Exército do general Dumouriez (1739-1823), na fronteira da atual Bélgica. Fora da batalha, passeavam com roupas de mulher e carabina ao ombro. Tornaram-se heroínas nacionais.”

(MORIN, Tânia Machado. Mulheres lutaram ao lado dos homens pelos ideais revolucionários, enfrentando também o preconceito. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br>).

A citação aponta para:

- I. O caráter complexo da Revolução Francesa e a pluralidade de gênero e classes entre seus participantes.
- II. A ação do movimento feminista liderado por Simone de Beauvoir e ratificado por Jean Paul Sartre.
- III. As convicções de Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, no tocante aos projetos estratégicos das revoltas no início da História Contemporânea.

Está(ão) correta(s):

- a) Somente a I.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) II e III.
- e) I, II e III.

2. (Ueg 2016) Leia o texto a seguir.

No atual estado da técnica militar, precisa-se de uma centena de viaturas e mais de cem toneladas de obuses para romper de modo certo a resistência oferecida em um único quilômetro, por um único batalhão bem entrincheirado e com cobertura de arame.  
SARTRE, Jean-Paul. *Diário de uma guerra estranha*. São Paulo: Circulo do Livro, s/d. p. 97.

A Segunda Guerra Mundial foi marcada por grandes batalhas, envolvendo o exército dos Aliados e do Eixo. Nem sempre a quantidade de armamentos e tropas representava o fator determinante. Dessas batalhas, aquela em que as condições climáticas foram decisivas para a vitória militar foi a Batalha

- a) de Berlim, na qual os soviéticos derrotaram definitivamente os alemães.
- b) de Pearl Harbour, na qual os japoneses atacaram de surpresa uma base norte-americana.
- c) de Stalingrado, na qual o Exército Vermelho conseguiu derrotar a *Wehrmacht*.
- d) da Inglaterra, na qual a *Royal Air Force* britânica resistiu eficazmente ao poderio da *Luftwaffe*.
- e) da França, na qual a *Blitzkrieg* alemã rompeu facilmente a *Linha Maginot*.

3. (Mackenzie 2000) As ideias e a produção dos filósofos Hebert Marcuse e Jean-Paul Sartre e do cineasta Jean-Luc Godard, entre outros, ganharam corpo e se irradiam. O mundo ganha nova dimensão do comportamento, na música, na poesia. Afirma-se a geração do protesto e do inconformismo.

Carlos Guilherme Mota

No final da década de 60, os quadros mentais tradicionais estão rompidos.

(Carlos Guilherme Mota)

NÃO se relaciona com o período abordado no texto:

- a) a revolução sexual, fruto da superação de velhos conceitos de família que encobriam dimensões fundamentais das relações entre as pessoas.



- b) a pop-art, arte popular urbana, visava expressar a sociedade de consumo e a cultura de massas.
- c) o movimento das minorias através do entendimento de que se constituem, em verdade, maiorias e o movimento negro pela cidadania.
- d) o movimento estudantil, colocando em discussão todo um sistema de valores; a alienação, o preconceito do mundo capitalista e o burocratismo e dogmatismo do mundo socialista.
- e) a campanha pelos Direitos Humanos na América Latina dirigida pelo presidente Kennedy, dos Estados Unidos, através da qual não se dava ajuda financeira aos países envolvidos com a violação desses direitos.

4. (Mackenzie 1997) O filósofo francês Jean-Paul Sartre, falecido em 1980, foi convocado para servir ao exército ao eclodir a Segunda Guerra Mundial. Ele registrou em um diário:

"( ... ) tenho vergonha de confessar, começo a esperar o fim da guerra. Oh, é uma crença imaginária, eu a espero como durante o inverno de 38 esperava o fim da paz, sem acreditar. Mas afinal, estou tão deslocado da guerra como em 38 - 39 estava deslocado da paz."

(J. P. Sartre, DIÁRIO DE UMA GUERRA ESTRANHA)

Destaque os acontecimentos ocorridos antes da ofensiva alemã, que levaram o filósofo, em 38-39, a sentir-se deslocado da paz.

- a) A assinatura do Pacto Anti-Komintern e a realização da Conferência de Potsdam.
- b) A formação da Liga das Nações e a invasão da URSS.
- c) A Conferência de Munique e o Pacto de Não-Agressão Nazi-Soviético.
- d) A Conferência de Yalta e a divisão da Alemanha.
- e) O rompimento dos acordos de paz de Brest-Litowsky e a consolidação de duas super potências.

5. (Faap 1997) Francês, filósofo existencialista. Autor de "A Náusea", "Os Caminhos da Liberdade", "Aos Mãos do Diabo", "O Ser e o Nada".

- a) J. P. Sartre
- b) Pasteur
- c) Rousseau
- d) Voltaire
- e) Lavoisier

6. (Upf 2014) – É incrível – prossegue Cícero Branco, enquanto Barcelona lhe puxa repetidamente pela manga do casaco, como se lhe quisesse dizer algo – que só agora que estou morto e decomposto é que ousou dizer-vos estas coisas. Será que a verdade fede e é só da mentira que se evolvem os doces perfumes da vida? Será que o famoso poço da lenda em cujo fundo se esconde a verdade, é feito de lodo e podridão?

O Prof. Libindo Olivares cobra coragem, afasta por um momento do nariz e da boca o lenço com que se defende dos miasmas dos mortos, e pergunta:

– Mas que é a Verdade?

Cícero Branco fita no professor suas pupilas mortas e responde, sorrindo:

– Não me venhas com essa paródia de Jesus diante de Pilatos, meu inefável paranoico! Estou falando na verdade com v minúsculo. E você sabe o que é a verdade? Não sabe porque vive numa mentira crônica. Falsa é a sua moral. Falsa a sua cultura. Falsa a sua proclamada amizade e correspondência com celebridades mundiais como Sartre, Mauriac, o Papa... sei lá mais quem! Seu latim é de ginasiano. Seu grego, mitológico. Sua cultura, um produto de leituras das *Seleções do Reader's Digest*.

ERICO VERISSIMO – *Incidente em Antares*

Assinale a afirmação **incorreta** em relação ao texto ao lado e ao romance do qual foi extraído.

- a) Este texto faz parte da narrativa fantástica de um julgamento público feito por mortos insepultos, desmascarando as falsidades morais e culturais de uma cidade gaúcha.
- b) Este texto faz parte da narrativa realista de um julgamento célebre, que efetivamente ocorreu numa cidade gaúcha, na década de 1960, durante o governo do presidente João Goulart.
- c) O "incidente" insólito, protagonizado pelos mortos, é situado, pelo romance, no período de

crise política e social da década de 1960, no Brasil.

- d) O advogado Cícero Branco, personagem que, em vida, serviu aos poderosos da sua cidade, precisou morrer para ganhar a coragem de denunciar as mentiras e injustiças cometidas por eles.
- e) O professor Libindo Olivares é uma caricatura que desvela, principalmente no plano da cultura, a mentira constituinte da sociedade que o romance representa.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

— Mas que Humanitas é esse?

— Humanitas é o princípio. Há nas coisas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível, — ou, para usar a linguagem do grande Camões:

Uma verdade que nas coisas anda,  
Que mora no visível e invisível.

Pois essa sustância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas.

Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. Vais entendendo?

— Pouco; mas, ainda assim, como é que a morte de sua avó...

— Não há morte. O encontro de ditas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

(ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 648-649.)

7. (Insper 2013) As imagens abaixo fazem parte do game “Filosofighters”. Inspirado em jogos de lutas, ele propõe uma batalha verbal entre importantes filósofos. Nele os argumentos dos pensadores valem como golpes, conforme se verifica na ilustração abaixo.

## ! VALE-TUDO NO VALE-TUDO?

O GOLPE  
BAIXO DO  
EXISTENCIALISMO!

ARISTÓTELES X SARTRE



Somos realmente livres?  
Dois filósofos testam  
todos os limites  
da liberdade.

- Aristóteles dizia que o homem é livre, desde que não tenha obstáculos para exercer a liberdade. Ou seja, assim como no vale-tudo não vale furar olho, o homem é livre só dentro das regras.
- Mas Jean-Paul Sartre contra-ataca: para ele, somos tão livres, que podemos até escolher furar as regras, porque podemos nos responsabilizar pelas consequências e ser punidos. Quer dizer, furo nos zoio do Aristóteles.

## ★★★★ A LUTA DO BOM CONTRA O MAU

ROUSSEAU X HOBBS

O homem nasce bom e a sociedade o estraga?  
Ou a espécie humana não tem jeito?



O BOM  
SELVAGEM  
CONTRA O  
MONSTRO  
LEVIATÃ!



- Na floresta, o homem era bom e vivia da natureza, sem guerras. Até que alguém criou a propriedade privada e a sociedade. Daí para frente, ficamos competitivos e egoístas. Pelo menos é o que dizia Jean-Jacques Rousseau.
- Mas Thomas Hobbes acaba de vez com a luta: para ele, a competição e a noção de que o mais forte vence são inerentes da natureza humana. Por isso, não poderíamos ter criado um mundo sem brigas.

(Adaptado: <http://super.abril.com.br/blogs/newsgames/tag/filosofighters/>)

Relacione as teorias dos pensadores citados ao excerto de Machado de Assis. Por defender posição similar, infere-se que, no jogo, o “filósofo” Quincas Borba **NÃO** poderia ser adversário de

- a) Aristóteles, pois ao definir a paz como “destruição” e a guerra como “conservação”, Quincas Borba recupera a ideia de que “o homem é livre só dentro de regras”.
- b) Jean Paul-Sartre, pois, assim como o filósofo existencialista, o mentor do Humanitismo mostra que a necessidade de alimentação determina a obediência ou a violação às regras.
- c) Hobbes, pois a tese do Humanitismo reafirma a ideologia do autor de “Leviatã”, entendendo que o estado natural é o conflito.
- d) Rousseau, pois defende os mesmos princípios do filósofo iluminista, mostrando que, embora pareça ser uma solução, a guerra traz grandes prejuízos à humanidade.
- e) nenhum dos pensadores citados, pois Quincas Borba, ao contrário deles, prevê um destino promissor para a humanidade.

8. (Ueg 2013) A expressão “Tudo o que é bom, belo e justo anda junto” foi escrita por um dos grandes filósofos da humanidade. Ela resume muito de sua perspectiva filosófica, sendo uma das bases da escola de pensamento conhecida como

- a) cartesianismo, estabelecida por Descartes, no qual se acredita que a essência precede a existência.
- b) estoicismo, que tem no imperador romano Marco Aurélio um de seus grandes nomes, que pregava a serenidade diante das tragédias.
- c) existencialismo, que tem em Sartre um de seus grandes nomes, para o qual a existência precede a essência.
- d) platonismo, estabelecida por Platão, no qual se entendia o mundo físico como uma imitação imperfeita do mundo ideal.

9. (Ufsj 2013) “Liberdade significa, em sentido próprio, a ausência de oposição [...] e não se aplica menos às criaturas irracionais e inanimadas do que às racionais”.

Esse é um fragmento de texto colhido de

- a) David Hume.
- b) Thomas Hobbes.
- c) Friedrich Nietzsche.
- d) Jean-Paul Sartre.

10. (Ufsj 2013) “Os leitores de jornais dizem: este partido foi destruído devido a esta ou aquela falta que cometeu. Minha política superior contesta: um partido que comete esta ou aquela falta agoniza, não possui a segurança do instinto”.

Esse comentário é emblemático e foi propalado por

- a) Joaquim Barbosa, ao condenar cinco réus na sua primeira leitura no escândalo político do mensalão, que assombra o país desde 2005.
- b) Friedrich Nietzsche, ao buscar a explicação para o erro da confusão entre a causa e o efeito.
- c) Jean-Paul Sartre, referindo-se ao partido comunista do início do século XX.
- d) Thomas Hobbes, ao defender o unipartidarismo absoluto.

11. (Unioeste 2013) “Quando dizemos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens. Com efeito, não há de nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser. Escolher isto ou aquilo é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos, porque nunca podemos escolher o mal, o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem que o seja para todos. Se a existência, por outro lado, precede a essência e se quisermos existir, ao mesmo tempo em que construímos a nossa imagem, esta imagem é válida para todos e para a nossa época. Assim, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda a humanidade”.

Sartre.

Considerando o texto citado e o pensamento sartreano, é INCORRETO afirmar que

- a) o valor máximo da existência humana é a liberdade, porque o homem é, antes de mais nada, o que tiver projetado ser, estando “condenado a ser livre”.
- b) totalmente posto sob o domínio do que ele é, ao homem é atribuída a total responsabilidade pela sua existência e, sendo responsável por si, é também responsável por todos os homens.
- c) o existencialismo sartreano é uma moral da ação, pois o homem se define pelos seus atos



e atos, por excelência, livres, ou seja, o “homem não é nada além do conjunto de seus atos”.

- d) o homem é um “projeto que se vive subjetivamente”, pois há uma natureza humana previamente dada e predefinida, e, portanto, no homem, a essência precede a existência.
- e) por não haver valores preestabelecidos, o homem deve inventá-los através de escolhas livres, e, como escolher é afirmar o valor do que é escolhido, que é sempre o bem, é o homem que, através de suas escolhas livres, atribui sentido a sua existência.

12. (Uem 2013) “Para Sartre, principal representante do existencialismo francês, só as coisas e os animais são ‘em si’, isto é, teriam uma essência. O ser humano, dotado de consciência, é um ‘ser-para-si’, ou seja, é também consciência de si. Isso significa que é um ser aberto à possibilidade de construir ele próprio sua existência. Por isso, é possível referir-se à essência de uma mesa (...) ou à essência de um animal (...), mas não existe uma natureza humana encontrada de forma igual em todas as pessoas, pois ‘o ser humano não é mais que o que ele faz’.”

(ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. *Temas de filosofia*. 3.<sup>a</sup> ed. revista. São Paulo: Moderna, 2005. p. 39).

Com base na citação e nos seus conhecimentos sobre o existencialismo, assinale o que for **correto**.

- 01) As coisas e os animais não têm consciência de si.
- 02) O ser em si não pode ser senão aquilo que é, ao passo que, ao ser-para-si, é permitida a liberdade de ser o que fizer de si.
- 04) A consciência humana é um fator histórico e contingente.
- 08) O homem possui uma natureza preestabelecida.
- 16) O existencialismo é uma metafísica de concepção essencialista.

13. (Ufsj 2013) “Não que acreditemos que Deus exista; pensamos antes que o problema não está aí, no da sua existência [...] os cristãos podem apelidar-nos de desesperados”.

Essa afirmação revela o pensador

- a) Thomas Hobbes, defendendo o seu pensamento objetivo de que “o homem deve ser tomado como um elemento de construção da monarquia”.
- b) Nietzsche, perseguindo o direito do homem de tomar posse do seu reino animal e da sua superação e de reconduzir-se às verdades implícitas nele próprio.
- c) Jean-Paul Sartre, desenvolvendo um argumento, no qual chega à conclusão de que o existencialismo é um otimismo.
- d) David Hume, criticando as clássicas provas a favor da existência de Deus.

14. (Ufu 2013) Para J.P. Sartre, o conceito de “para-si” diz respeito

- a) a uma criação divina, cujo agir depende de princípio metafísico regulador.
- b) apenas à pura manutenção do ser pleno, completo, da totalidade no seio do que é.
- c) ao nada, na medida em que ele se especifica pelo poder nadificador que o constitui.
- d) a algo empastado de si mesmo e, por isso, não se pode realizar, não se pode afirmar, porque está cheio, completo.

15. (Uem 2013) “‘Se Deus não existisse, tudo seria permitido’. Eis o ponto de partida do existencialismo. De fato, tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada a que se agarrar. (...) Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada ou definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre.”

(SARTRE, J. P. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 9)

Com base no excerto citado, assinale o que for **correto**.

- 01) O existencialismo é uma filosofia teológica que procura a razão de ser no mundo a partir da moral estabelecida.

- 02) A afirmação “o homem está condenado a ser livre” é uma contradição, pois não há liberdade onde há a obrigação de ser livre.
- 04) O existencialismo fundamenta a liberdade, independentemente dos valores e das leis da sociedade.
- 08) Ser livre significa, rigorosamente, ser, pois não há nada que determine o ser humano, a não ser ele mesmo.
- 16) A existência de Deus é necessária, pois, sem ele, o homem deixaria de ser livre.

16. (Ufsj 2013) Na obra “O existencialismo é um humanismo”, Jean-Paul Sartre intenta
- desenvolver a ideia de que o existencialismo é definido pela livre escolha e valores inventados pelo sujeito a partir dos quais ele exerce a sua natureza humana essencial.
  - mostrar o significado ético do existencialismo.
  - criticar toda a discriminação imposta pelo cristianismo, através do discurso, à condição de ser inexorável, característica natural dos homens.
  - delinear os aspectos da sensação e da imaginação humanas que só se fortalecem a partir do exercício da liberdade.

17. (Ufu 2012) Leia o excerto abaixo e assinale a alternativa que relaciona corretamente duas das principais máximas do existencialismo de Jean-Paul Sartre, a saber:

- “a existência precede a essência”
- “estamos condenados a ser livres”

Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. [...] Estamos condenados a ser livres. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz.

SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. 3ª. ed. S. Paulo: Nova Cultural, 1987.

- Se a essência do homem, para Sartre, é a liberdade, então jamais o homem pode ser, em sua existência, condenado a ser livre, o que seria, na verdade, uma contradição.
- A liberdade, em Sartre, determina a essência da natureza humana que, concebida por Deus, precede necessariamente a sua existência.
- Para Sartre, a liberdade é a escolha incondicional, à qual o homem, como existência já lançada no mundo, está condenado, e pela qual projeta o seu ser ou a sua essência.
- O Existencialismo é, para Sartre, um Humanismo, porque a existência do homem depende da essência de sua natureza humana, que a precede e que é a liberdade.

18. (Unioeste 2012) “O que significa aqui o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. (...) O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz. (...) Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de por todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade de sua existência. (...) Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens. Com efeito, não há de nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser”.

Sartre.

- Considerando a concepção existencialista de Sartre e o texto acima, é incorreto afirmar que
- o homem é um projeto que se vive subjetivamente.
  - o homem é um ser totalmente responsável por sua existência.
  - por haver uma natureza humana determinada, no homem a essência precede a existência.
  - o homem é o que se lança para o futuro e que é consciente deste projetar-se no futuro.
  - em suas escolhas, o homem é responsável por si próprio e por todos os homens, porque,

em seus atos, cria uma imagem do homem como julgamos que deve ser.

19. (Ufsj 2012) Sobre a interferência de Jean-Paul Sartre na filosofia do século XX, é **CORRETO** afirmar que ele

- a) reconhece a importância de Diderot, Voltaire e Kant e repercute a interferência positiva destes na noção de que cada homem é um exemplo particular no universo.
- b) faz a inversão da noção essencialista ao apregoar que o Homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo e só após isso se define. Assim, não há natureza humana, pois não há Deus para concebê-la.
- c) inaugura uma nova ordem político-social, segundo a qual o Homem nada mais é do que um projeto que se lança numa natureza essencialmente humana.
- d) diz que ser ateu é mais coerente apesar de reconhecer no Homem uma *virtu* que o filia, definitivamente, a uma consciência *a priori* infinita.

20. (Ufsj 2012) A angústia, para Jean-Paul Sartre, é

- a) tudo o que a influência de Shopenhauer determina em Sartre: a certeza da morte. O Homem pode ser livre para fazer suas escolhas, mas não tem como se livrar da decrepitude e do fim.
- b) a nadificação de nossos projetos e a certeza de que a relação Homem X natureza humana é circunstancial, objetiva, e pode ser superada pelo simples ato de se fazer uma escolha.
- c) a certificação de que toda a experiência humana é idealmente sensorial, objetivamente existencial e determinante para a vida e para a morte do Homem em si mesmo e em sua humanidade.
- d) consequência da responsabilidade que o Homem tem sobre aquilo que ele é, sobre a sua liberdade, sobre as escolhas que faz, tanto de si como do outro e da humanidade, por extensão.

21. (Ifsp 2011) Ao defender as principais teses do Existencialismo, Jean-Paul Sartre afirma que o ser humano está condenado a ser livre, a fazer escolhas e, portanto, a construir seu próprio destino. O pressuposto básico que sustenta essa argumentação de Sartre é o seguinte:

- a) A suposição de que o homem possui uma natureza humana, o que significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal.
- b) A compreensão de que a vida humana é finita e de que o homem é, sobretudo, um ente que está no mundo para a morte.
- c) A ideia de que a existência precede a essência e, por isso, o ser humano não está predeterminado a nada.
- d) A convicção de que o homem está desamparado e é impotente para mudar o seu destino individual.
- e) A ideia de que toda pessoa tem uma potencial a realizar, desde quando nasce, mas é livre para transformar ou não essa possibilidade em realidade.

22. (Ufsj 2011) Sartre define o entendimento de que a existência precede a essência como:

- a) "a compreensão de que o inferno são os outros e de que, assim, o Homem que se alcança diretamente pelo *cogito* descobre também todos os outros homens".
- b) "a compreensão dos conceitos de angústia, descompasso, má fé e desespero".
- c) "que na verdade, para o existencialista, não existe amor essencial, senão aquele que se constrói na perspectiva da escolástica".
- d) "o significado de que o Homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define".

23. (Uema 2011) O tema da liberdade é discutido por muitos filósofos. No existencialismo francês, Jean-Paul Sartre, particularmente, compreende a liberdade enquanto escolha incondicional.

Entre as afirmações abaixo, a única que está de acordo com essa concepção de liberdade humana é:

- a) O homem primeiramente tem uma essência divinizada e depois uma existência manifestada na história de sua vida.
- b) O homem não é mais do que aquilo que a sociedade faz com ele.
- c) O homem primeiramente existe porque sendo consciente é um ser em si e para o outro.
- d) O homem é determinado por uma essência superior, que é o Deus da existência, pois, primeiramente não é nada.
- e) O homem primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer.



24. (Ueap 2011) “A existência precede a essência.” O que melhor define esta frase do filósofo francês Sartre?

- a) Primeiro o homem existe, depois se define.
- b) O homem é o que ele concebe e não o que ele faz.
- c) O homem é “em si” e não “para si”.
- d) A vida de um homem está ligada a sua essência.
- e) A vida humana é totalmente determinada por Deus.

25. (Ufu 2011) Jean-Paul Sartre (1905 – 1980) encontrou um motivo de reflexão sobre a liberdade na obra de Dostoiévski *Os irmãos Karamazov*: “se Deus não existe, tudo é permitido”. A partir daí teceu considerações sobre esse tema e algumas consequências que dele podem ser derivadas.

[...] tudo é permitido se Deus não existe e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada a que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. [...] Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 9 (coleção “Os Pensadores”).

Com base em seus conhecimentos sobre a filosofia existencialista de Sartre e nas informações acima, assinale a alternativa correta.

- a) Porque entende que somos livres, Sartre defendeu uma filosofia não engajada, isto é, uma filosofia que não deve se importar com os acontecimentos sociais e políticos de seu tempo.
- b) Para Sartre, a angústia decorre da falta de fé em Deus e não do fato de sermos absolutamente livres ou como ele afirma “o homem está condenado a ser livre”.
- c) As ações humanas são o reflexo do equilíbrio entre o livre-arbítrio e os planos que Deus estabelece para cada pessoa, consistindo nisto a verdadeira liberdade.
- d) Para Sartre, as ações das pessoas dependem somente das escolhas e dos projetos que cada um faz livremente durante a vida e não da suposição da existência e, portanto, das ordens de Deus.

#### **Gabarito:**

##### **Resposta da questão 1:** [A]

Somente a alternativa [A] está correta. A questão aponta para a questão de gênero, a participação das mulheres no processo histórico como, por exemplo, durante a Revolução Francesa, 1789-1799. As mulheres chegaram a redigir a “Declaração Universal dos Direitos da Mulher e da Cidadã” para fazer um contraponto à elaboração da “Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão”.

##### **Resposta da questão 2:** [C]

A questão faz referência à Segunda Guerra Mundial, 1939-1945, apontado para o fato de que nem sempre a superioridade bélica de um exército lhe garante a vitória, devem ser considerados os aspectos naturais como aconteceu ao longo da Batalha de Stalingrado, em 1943, quando o general inverno russo, que já tinha arruinado as tropas napoleônicas, dizimou tropas nazistas.

##### **Resposta da questão 3:** [E]

##### **Resposta da questão 4:** [C]

##### **Resposta da questão 5:** [A]

##### **Resposta da questão 6:** [B]

O livro *Incidente em Antares* é uma obra ficcional, próxima do gênero realismo fantástico. Sendo assim, não há compromisso com a realidade nem muito menos foi inspirada em algum fato real.

##### **Resposta da questão 7:** [C]

Hobbes e Quincas Borba não poderiam ser adversários, pois ambos defendem a tese de que o conflito é inerente à natureza humana. Assim, é correta a opção [C].

##### **Resposta da questão 8:** [D]

Falta para a questão uma referência bibliográfica apropriada.

A filosofia de Platão é resultado de um trabalho de reflexão intenso e extenso, de modo que as questões durante os

inúmeros diálogos por ele escritos são respondidas de maneiras distintas. Porém, Platão possui uma questão de fundo que se refere ao problema da identidade – resquício da tradição conflituosa de Parmênides e Heráclito –, a saber: o que é, é sempre idêntico a si mesmo ou é sempre distinto? O mundo verdadeiro é uma totalidade sempre permanente ou uma totalidade sempre efêmera? A concepção sobre Ideias que Platão formula atende, em geral, a essas questões e busca demonstrar como o sensível apesar de expor uma realidade impermanente, possui um fundamento permanente. As Ideias são verdadeiras, a realidade sensível é apenas uma aparência passageira dessa realidade.

**Resposta da questão 9: [B]**

Liberdade, no entender de Hobbes, é ausência de obstáculos externos às ações que contribuem para a preservação da vida. De acordo com o Capítulo XIV do *Leviatã*, a liberdade é um direito, e opõe-se à lei. Estamos diante da condição humana, isto é, diante do estado natural, no âmbito dos apetites e dos desejos primários do homem, e não diante de alguma qualidade intrínseca específica do homem.

**Resposta da questão 10: [B]**

O partido comete a falta porque já estava primeiramente destruído. A verdadeira educação moral leva à segurança do instinto. Seguindo o corpóreo como fio condutor, Nietzsche crê descrever o processo fisiológico mesmo. E isso em vista da *espiritualização da paixão*, como se essa decorresse naturalmente dos processos fisiológicos. Com o conceito de espiritualização ele retorna ao problema da moral numa moralização afirmadora. A vontade de poder como moral pode ser compreendida como uma moralização positiva dos impulsos, do instinto.

**Resposta da questão 11: [D]**

O homem está condenado à liberdade. Durante sua vida, ele não pode deixar de escolher, e ao fazer escolhas ele irá sempre escolher aquilo que considera o melhor. Desse modo, o homem ao se posicionar também posiciona todos os outros homens, pois define, juntamente com a sua escolha, quem são seus semelhantes e dessemelhantes. Se a sua posição não considerar isto, então ela irá criar confrontos dos quais foi desde sua primeira escolha responsável. Assim, em cada escolha nos responsabilizamos pela humanidade que escolhemos.

**Resposta da questão 12: 01 + 02 = 03.**

Sartre diz que o ser em si e o ser para si possuem características mutuamente exclusivas, todavia a vida do homem combina ambas. Aí se encontra a ambiguidade ontológica da nossa existência. O em si é sólido, idêntico a si mesmo, passivo, inerte; já o para si é fluido, diferente de si mesmo, ativo, dinâmico. O primeiro apenas é, o segundo é sua própria negação. De maneira mais concreta podemos dizer que um é "facticidade" e o outro é "transcendência". Os dados da nossa situação como falantes de certa língua, ambientados em certo entorno, fazendo escolhas e sendo em si constituem nossa "facticidade". Como indivíduos conscientes "transcendemos" isso que é dado. Ou seja, somos situados, porém na direção da indeterminação. Somos sempre mais do que a situação na qual estamos e isto é o fundamento ontológico de nossa liberdade. Estamos, como Sartre diz, condenados a sermos livres.

**Resposta da questão 13: [C]**

A crítica cristã ao existencialismo é evidentemente direcionada ao seu ateísmo. Todos nós conhecemos a máxima de Dostoiévski: "se Deus não existe, então tudo é permitido", e sabemos que ela aceita por Sartre. Em contrapartida, a Igreja acusa o existencialismo de provocar uma distorção da realidade, de suprimir valores divinos que são eternos e inquestionáveis, de propor que cada um poderia agir livre sem valores para guiar sua ação, pois o homem é incapaz de julgamento justo sobre coisas alheias, afinal o indivíduo fecha-se em sua subjetividade. Todavia, é importante ressaltar que o existencialismo garante uma abertura e cria um vínculo de responsabilidade absoluta entre o sujeito e as ações que ele realiza. O valor de uma decisão está no fato de ter sido escolhida pelo sujeito. O homem, livre, escolhe seus valores e se responsabiliza por suas escolhas. O existencialismo é, então, otimista, pois, proporciona que cada indivíduo escolha e siga seus próprios ideais, verdadeiramente seus e dos quais pode responsabilizar-se totalmente.

**Resposta da questão 14: [C]**

O homem é uma entidade que combina características mutuamente exclusivas, a saber, o ser para-si e o ser em-si. O ser em-si se diz pela identidade, pela inércia, já o ser para-si se diz pela diferença, pela dinâmica, isto é, o ser para-si depende da negação do ser em-si. Dessa maneira, a essência, ou seja, aquilo que define a identidade não garante a exposição daquilo que é livre. Isso que é livre apenas é não sendo aquilo que lhe define circunstancialmente. O homem sendo livre é um projeto, um vir a ser dependente da sua escolha a qual está condenado a realizar devido a sua condição fundamental.

Para uma noção geral do existencialismo sartreano:

<http://vimeo.com/62380957> (vídeo retirado do canal oficial da CPFL/Cultura)

**Resposta da questão 15: 04 + 08 = 12.**

Para Sartre todo agente possui naturalmente liberdade ilimitada. Essa afirmação pode parecer confusa, pois observamos corriqueiramente nossas limitações. Não possuímos liberdade ilimitada para fazermos tudo o que desejamos, nem fisicamente e nem socialmente. Porém, essas limitações são dados os quais o ser para-si como transcendência supera, isto é, através da conscientização de uma situação nos movemos para além dela. A fundamentação ontológica da liberdade é justamente este fato de que o homem está situado, porém sempre é mais do que esta situação. Desse modo, podemos escolher livremente, espontaneamente e sem motivos fundamentais, durante nossas vidas entre, por exemplo, aceitar as nossas condições sociais precárias ou modificar estas condições, entretanto a consequência dessa escolha livre sempre será significativa ao ser para-si. De tal modo que a liberdade é escolher, todavia nunca deixar de não escolher e sempre se responsabilizar pela escolha.

Para uma noção geral: <http://www.youtube.com/watch?v=Z2XPHjSYBfw>

**Resposta da questão 16: [B]**

A escolha, na concepção sartreana, se refere à vida e esta é a expressão de um projeto que se desdobra no tempo. Esse projeto não é algo próprio do qual se pode ter um conhecimento óbvio, sendo assim o projeto é uma interpretação possível e as escolhas específicas de um indivíduo são, portanto, temporais, derivações de um projeto original desenrolado temporalmente.

Esse desenrolar é descrito pela ontologia de Sartre. Nesta ele diz que o ser em-si e o ser para-si possuem características mutuamente exclusivas, todavia a vida do homem combina ambas. Aí se encontra a ambiguidade ontológica da nossa existência. O em-si é sólido, idêntico a si mesmo, passivo, inerte; já o para-si é fluido, diferente

de si mesmo, ativo, dinâmico. O primeiro apenas é, o segundo é sua própria negação. De maneira mais concreta podemos dizer que um é “facticidade” e o outro é “transcendência”. O dado da nossa situação como falantes de certa língua, ambientados em certo entorno, nossas escolhas prévias e nós mesmo enquanto em-si constituem nossa “facticidade”. Como indivíduos conscientes “transcendemos” isso que é dado. Ou seja, somos situados, porém na direção da indeterminação. Somos sempre mais do que a situação na qual estamos e isto é o fundamento ontológico de nossa liberdade. Estamos, como Sartre diz, condenados a ser livres.

Então, o existencialismo é um humanismo, pois é a única doutrina que abre totalmente a possibilidade de escolha ao homem. Se Deus não existe e a existência precede a essência, isto é, o homem não é nada até que ele livremente se defina durante sua vida, então o ser possui fundamentalmente liberdade. O ser aparece no mundo e depois se define; não há natureza humana pré-concebida por Deus. O homem é um lançar-se para um futuro, é se projetar conscientemente no futuro. Desse modo, o existencialismo deve pôr o homem no interior de sua existência e lhe atribuir a total responsabilidade por suas escolhas.

**Resposta da questão 17: [C]**

O homem é uma entidade que combina características mutuamente exclusivas, a saber, o ser para-si e o ser em-si. O ser em-si se diz pela identidade, pela inércia, já o ser para-si se diz pela diferença, pela dinâmica, isto é, o ser para-si depende da negação do ser em-si. Dessa maneira, a essência, ou seja, aquilo que define a identidade não garante a exposição daquilo que é livre. Isso que é livre apenas é não sendo aquilo que lhe define circunstancialmente. O homem sendo livre é um projeto, um vir a ser dependente da sua escolha a qual está condenado a realizar devido a sua condição fundamental.

**Resposta da questão 18: [C]**

A alternativa [C] é justamente o inverso do que defende Sartre. Segundo ele, a existência precede a essência e não há nada que define o homem de maneira *a priori*.

**Resposta da questão 19: [B]**

O existencialismo de Jean-Paul Sartre afirma que o homem primeiro existe e depois se define. Isso significa dizer que não há uma natureza humana que determina o que ele deve ou não deve ser. O próprio homem que deve ser responsável por si. Sendo assim, somente a alternativa [B] está correta.

**Resposta da questão 20: [D]**

A angústia é uma consequência da responsabilidade do homem em seu estado de inalienável liberdade. O homem nasce como um ser condenado a ser livre e, portanto, responsável por tudo o que faz e escolhe, tanto em relação a si, quanto em relação à humanidade.

**Resposta da questão 21: [C]**

O existencialismo ateu de Sartre não admite a existência de Deus. Portanto, não há nada que defina o homem antes de sua existência, nada que o preceda. O homem primeiro existe, se descobre e apenas depois se define. Desse modo, fica evidente que Sartre recusa qualquer tipo de determinismo e, assim, afirma que o homem é livre e responsável por todas as suas escolhas. A alternativa C, logo, é a única correta.

**Resposta da questão 22: [D]**

A única citação que diz respeito ao existencialismo de Sartre é a [D]. Ali está uma explicação que Sartre faz em *O existencialismo é um humanismo* sobre o que significa considerar que a existência precede a essência.

**Resposta da questão 23: [E]**

Segundo Jean-Paul Sartre, antes que o homem defina a sua essência, ele existe. Nesse sentido, ele não é determinado por nada existente fora dele. Dentre as alternativas [C] e [E], as únicas plausíveis, somente [E] é verdadeira. O ser humano não é um ser em si, mas um ser para si. Pois isso é que ele não tem essência definida. O conceito de liberdade, portanto, está relacionado com essa possibilidade do homem de escolher o caminho que deve seguir. É por isso que o filósofo francês afirmava que “o homem está condenado a ser livre”.

**Resposta da questão 24: [A]**

Jean-Paul Sartre, filósofo do século XX, é famoso pela sua frase “a existência precede a essência”. Nesta está presente a base do seu existencialismo, segundo o qual o homem se constitui antes da sua essência. Primeiro existe o homem, depois ele se define.

**Resposta da questão 25: [D]**

Se o homem fosse um ser cheio, total e pleno, como uma essência definida, ele não poderia ter nem consciência por estar ser um espaço aberto a múltiplos conteúdos, nem liberdade uma vez que representa a possibilidade de escolha e por intermédio desta, o homem constrói a si mesmo e torna-se responsável pelo que faz, portanto, condenado a ser livre.

Para Sartre, se o homem não expressasse esse “vazio de ser”, sua consciência já estaria pronta, acabada, definida e fechada e neste caso, jamais poderia expressar sua liberdade, pois estaria preso à realidade estática do ser pleno, do ser-em-si. Por isso, não podemos falar em Sartre de uma existência cuja natureza humana é previamente determinada, porque não criou a si mesmo (“*Estamos sós, sem desculpas*”), assim, um dos valores fundamentais da condição humana, é segundo o próprio Sartre, a liberdade e é exercendo-a em situações concretas que o homem se move e conhece a incerteza cuja produção dos sentidos o impulsiona a ultrapassar certos limites. Sartre nos diz: “*A liberdade é o fundamento de todos os valores. O homem é aquilo que ele faz de si mesmo*”.